



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**CAMPUS DE PALMAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**

**VINICIUS MARTINS JAIME**

**TRANSEXUALIDADE NA MÍDIA:**  
**REFLEXÕES SOBRE A COBERTURA JORNALÍSTICA DAS PESSOAS**  
**TRANSEXUAIS EM PORTAIS DE NOTÍCIAS**

**Palmas – TO**

**2024**

**VINICIUS MARTINS JAIME**

**Transexualidade na Mídia:**  
Reflexões Sobre a Cobertura Jornalística das Pessoas Transexuais em Portais de Notícias

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCOM da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cynthia Mara Miranda

**Palmas - TO**  
**2024**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

J25t Jaime, Vinicius Martins.

TRANSEXUALIDADE NA MÍDIA.: Reflexões Sobre a Cobertura  
Jornalística das Pessoas Transexuais em Portais de Notícias. / Vinicius  
Martins Jaime. – Palmas, TO, 2024.

78 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação ( Mestrado) em  
Comunicação e Sociedade, 2024.

Orientadora : Cynthia Mara Miranda

1. Pessoas trans. 2. Cobertura jornalística. 3. Direitos humanos. 4.  
Transexualidade. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da  
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**Vinicius Martins Jaime**

**Transexualidade na mídia:  
reflexões sobre a cobertura jornalística das pessoas transexuais nos portais de notícias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCOM/UFT. Foi avaliado para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 15 / 02 / 2024

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente  
CYNTHIA MARA MIRANDA  
Data: 17/04/2024 13:12:24-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Cynthia Mara Miranda, UFT



Documento assinado digitalmente  
ALICE AGNES SPINDOLA MOTA  
Data: 19/04/2024 14:06:16-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.ª Dr.ª Alice Agnes Spindola Mota, UFT



Documento assinado digitalmente  
LUCAS MILHOMENS FONSECA  
Data: 17/04/2024 13:47:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Dr. Lucas Fonseca Milhomens, UFAM

*Dedico este trabalho à minha mãe, aos amigos que estiveram torcendo pela conclusão de mais esta etapa da vida acadêmica, aos colegas do mestrado, que tantos percalços enfrentaram juntos, e à população “T” que me possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.*

*“Somos todos iguais, enquanto seres humanos, e somos todos diferentes, na individualidade que nos confere, já ao nascer, uma única e insubstituível impressão digital.”*

Adriana Carranca

## AGRADECIMENTOS

O processo de escrita do presente trabalho foi um grande desafio que vivenciei, em especial por toda luta diária para conciliar o tempo para realizar a pesquisa com a minha segunda graduação que ainda está em curso e o meu trabalho. Por vezes pensei em desistir, mas resisti graças às pessoas que estiveram comigo no decorrer desse processo, pessoas às quais eu deixo os meus agradecimentos.

Aos amigos que acompanharam desde a escolha do programa de mestrado, o processo seletivo e o ingresso e aos que tive a oportunidade de me tornar amigo após o ingresso no PPGCOM por terem sido verdadeiros entusiastas dessa conquista. Ana Cláudia, Edeísa, Ernani, Geovany, Kamilla, Laira, Thamires, enfim... minha gratidão a vocês por serem tão especiais para mim.

Agradeço aos colegas do PPGCOM aos que tive a graça do convívio e de trocar diversos momentos e experiências (alguns bons e outros nem tanto) sempre apoiando uns aos outros da forma que era possível a cada um. Em especial às colegas Ana Katia, Letícia, Lorena e Silvia.

À minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Cynthia Mara Miranda, por todo o empenho e atenção prestados ao longo do mestrado e, não obstante a isso, por tanto me incentivar a buscar meu crescimento acadêmico.

Às professoras Liliam Ghizoni e Amanda Leite por proporcionarem momentos tão agradáveis e de extrema leveza dentro do programa.

À Rosana por ser essa pessoa tão radiante e acolhedora desde o primeiro contato com o mestrado e sempre pronta para esclarecer as dúvidas e até mesmo ouvir meus desabafos pessoais.

À minha mãe por sempre torcer e vibrar como ninguém a cada conquista minha. Te amo sem medidas e incondicionalmente.

Ao Lucas por ser e ter sido um grande companheiro me incentivando a continuar mesmo nos momentos em que nem eu mesmo estava me suportando de estresse. Obrigado pelo apoio de sempre.

Por último, mas não menos importante, eu quero agradecer a mim mesmo. Eu quero agradecer a mim por ter me permitido tentar, mesmo numa fase em que nem eu mesmo estava acreditando ser capaz, mas tentei acreditar e provei a mim mesmo que era possível. Não foi fácil, mas me agradeço por não ter desistido, por ter me doado aos amigos e colegas da forma que pude e por me permitir acreditar que chegaria aqui.

## RESUMO

A presente dissertação teve como objetivo refletir sobre a cobertura jornalísticas das pessoas transexuais em portais de notícias brasileiros de amplo alcance. A população transexual está sujeita a diversas rejeições devido ao modelo binário socialmente imposto do que é ser homem e do que é ser mulher na sociedade. Assim, foi levantada a seguinte pergunta de pesquisa: como é construída a cobertura jornalística dos assuntos que envolvem as pessoas transexuais? Os objetivos específicos foram realizar o estudo da representatividade das pessoas trans nas narrativas jornalísticas, as fontes consultadas e analisar se as notícias adotam uma perspectiva dos direitos humanos ou se reforçam a transfobia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória na qual foram utilizados levantamento bibliográfico e análise de conteúdo. Os portais escolhidos foram o R7 e o UOL Univera e as notícias coletadas foram dentro do período de tempo compreendido entre janeiro de 2022 e fevereiro de 2023. A análise de conteúdo foi feita a partir de três variáveis sendo elas: fontes ouvidas nas notícias, presença do nome social nas notícias e presença do nome de nascimento nas notícias. O estudo das notícias que envolveram pessoas trans em portais tão distintos permitiu compreender em que medida o conteúdo viola ou não os direitos das pessoas às quais as notícias se referem e se amenizam ou fomentam a cultura da transfobia. Além disso a pesquisa destacou a necessidade da promoção de um jornalismo mais consciente e que esteja mais atento às questões de gênero, especialmente no que tange à transexualidade, como forma de ampliar a representatividade dessa população na mídia e combater estereótipos e a desinformação da sociedade.

**Palavras-chaves:** Pessoas trans. Cobertura jornalística. Direitos humanos.

## ABSTRACT

This dissertation aimed to reflect on the journalistic coverage of transgender people on wide-reaching Brazilian news portals. The transsexual population is subject to various rejections due to the socially imposed binary model of what it means to be a man and what it means to be a woman in society. Thus, the following research question was raised: how is journalistic coverage of issues involving transgender people constructed? The specific objectives were to study the representation of trans people in journalistic narratives, the sources consulted and to analyze whether the news adopts a human rights perspective or reinforces transphobia. This is a qualitative exploratory research in which bibliographical research and content analysis were used. The chosen portals were R7 and UOL Universa and the news collected was within the period of time between January 2022 and February 2023. Content analysis was carried out based on three variables: sources heard in the news, presence social name in the news and presence of birth name in the news. Next, the categorization was carried out into "news that reinforce stereotypes" and "news that present a perspective on the rights of the trans population". Then, separately, the variables were surveyed in each portal, illustrated through graphs. The study of news that involved trans people on such different portals allowed us to understand to what extent the content violates or does not violate the rights of the people to whom the news refers and whether it alleviates or encourages the culture of transphobia. Furthermore, the research highlighted the need to promote more conscious journalism that is more attentive to gender issues, especially with regard to transsexuality, as a way of increasing the representation of this population in the media and combating stereotypes and misinformation in society.

**Key-words:** Trans people. News coverage. Human rights.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
ADO	Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão
ALESP	Assembleia Legislativa de São Paulo
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CFB	Constituição Federal Brasileira
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
CVV	Centro de Valorização da Vida
DUDH	Declaração Universal dos Direitos Humanos
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
FMB - Unesp	Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista
IBDFAM	Instituto Brasileiro de Direito de Família
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OMS	Organização Mundial de Saúde
PL	Projeto de Lei
PNDS	Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde
SECIJU	Secretaria Estadual da Cidadania e Justiça do Tocantins
STF	Superior Tribunal Federal
STJ	Superior Tribunal de Justiça
TDoR	Dia Internacional da Memória Trans
TGEU	Transgender Europe
TMM	Trans Murder Monitoring
UMA-LGBT	União Nacional LGBT

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>TRANSEXUALIDADE E TRANSFOBIA: REFLEXÕES TEÓRICAS E MIDIÁTICAS .....</b>	<b>21</b>
<b>2.1</b>	<b>Transfobia e Seus Impactos na Sociedade .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2</b>	<b>(In)Visibilidade e Falta de Reconhecimento das Pessoas Trans .....</b>	<b>29</b>
<b>2.3</b>	<b>O “Ser Trans”: Direitos e Conquistas .....</b>	<b>32</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>TABELA DAS NOTÍCIAS .....</b>	<b>40</b>
<b>5</b>	<b>COBERTURA JORNALÍSTICA DA POPULAÇÃO TRANS .....</b>	<b>46</b>
<b>5.1</b>	<b>Aproximações e Distanciamentos da cobertura jornalística sobre a população trans nos portais universa e r7 .....</b>	<b>63</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>65</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>
	<b>LINKS DAS NOTÍCIAS.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objetivo refletir sobre as notícias que envolvem pessoas transexuais na sociedade brasileira. O mundo vive uma constante transformação social quanto às questões da diversidade de gênero e sexualidade e os meios de comunicação na medida em que abrem espaço para a cobertura jornalística das pessoas trans com uma perspectiva dos direitos humanos contribuem para a representatividade e para o exercício da responsabilidade social do jornalismo. Contudo, em muitas situações, não é a cobertura jornalística na perspectiva dos direitos humanos das pessoas trans que prevalece nos noticiários da grande mídia que, muitas vezes, na busca desenfreada pela audiência costumam adotar uma abordagem sensacionalista e com viés de criminalização das pessoas trans.

Para Nascimento *et al.* (2020), a sociedade brasileira classifica os corpos em aceitáveis ou não, sendo hegemonicamente compostos que são perpassados pela riqueza, branquitude, cisgeneridade<sup>1</sup> e heterossexualidade. Nessa direção, os corpos transexuais estão situados na categoria de corpos que não seriam aceitáveis socialmente.

Os corpos que destoam desses compostos hegemônicos, como é o caso dos corpos transexuais, tendem a ser colocados em situação de vulnerabilidade. Segundo o dicionário Houaiss (2020), estar vulnerável é “estar sujeito a ser atacado, derrotado, prejudicado ou ofendido” e, conforme Leal (2020):

Na aproximação aos processos de vulnerabilização a partir das identidades outros cuidados são também decisivos. É típico dos processos de vulnerabilização [...] a apreensão dos indivíduos e grupos a partir do que lhes *falta*. Às pessoas homossexuais faltaria o sentido reprodutivo do sexo, o que as fariam perversas; às mulheres faltariam as qualidades ativas e viris dos homens, o que as fariam históricas; às pessoas negras, faltariam racionalidade e competências intelectuais, o que as fariam presas a seus instintos naturais e selvagens, e assim por diante (Leal, 2020, p. 40).

A população transexual, nessa direção, estaria marcada pela falta da identificação com o sexo binário. Dentre os corpos dissonantes, para a presente dissertação, nos interessa focar na população transexual e na forma como é reportada na cobertura jornalística. A escolha do tema surge a partir de uma inquietação do autor da dissertação no que diz respeito a forma como as notícias sobre a população transexual são construídas pela mídia, comumente

---

<sup>1</sup> Cisgeneridade é considerada a identidade de gênero daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” a elas (VERGUEIRO, 2016). Como cisgeneridade, então, podemos compreender os ambientes em que são estabelecidas práticas sociais e políticas que resultam na elaboração de doutrinas em que dominam as identidades cisgêneras e heterossexuais.

reforçando preconceitos e estereótipos. Tal inquietação motivou o mesmo a ingressar no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT – Universidade Federal do Tocantins para aprofundar seus estudos sobre o assunto. Dentre os objetivos específicos da dissertação, destaca-se realizar o estudo da representatividade das pessoas trans nas narrativas jornalísticas, verificar o contexto social em que a notícia está inserida e analisar, com base no conteúdo jornalístico, se as notícias adotam uma perspectiva dos direitos humanos ou se reforçam a transfobia por meio de uma cobertura que fomenta estereótipos e preconceitos contra esta população.

Os meios de comunicação contribuem no processo de socialização dos seres humanos e dessa forma podem influenciar na forma como os assuntos são discutidos na sociedade. Nessa direção, se as notícias tratam a população trans de forma estereotipada, não contribuem para problematizar a questão da transfobia na sociedade e para dar visibilidade as desigualdades que esta sofre por não estar inserida no corpo aceitável socialmente.

Durante algum tempo o transexual era, de maneira grosseira e generalista, tratado como se fosse um “travesti que passou por intervenção cirúrgica”, pelo fato de ter enorme repulsa ao seu corpo. Entretanto estudos médicos já apontam situações onde o transexual não tem repulsa a seu órgão genital ou que deseja passar pela cirurgia de transgenitalização, apenas não se identificam com seu sexo biológico (Souza; Costa; Rodrigues, 2016).

Oliveira (2003, p. 68) diz:

Aquilo que denominamos identidade sexual nada mais é do que o direito de ser internamente e aparecer externamente igual a si mesmo com a realidade do próprio sexo. Por outro lado, a autodeterminação sexual do indivíduo, neste contexto, é a formulação jurídica da construção da identidade sexual, que se norteará pela liberdade, sobretudo a espiritual, como a de sentir, de pensar, de decidir, de criar, de consciência, de agir e omitir [...]. Ora, esta liberdade tem por escopo a busca da felicidade, que é o objetivo de todo o ser humano em sua jornada por este mundo (Oliveira, 2003, p. 68).

Vale ressaltar que a cirurgia de readequação de gênero não é uma premissa para uma pessoa ser considerada ou não transexual. Sendo assim, entende-se como mulher transexual toda pessoa que postula o reconhecimento social e legal como mulher e que o homem transexual é toda pessoa que postula pelo reconhecimento social e legal como homem (Cazelatto; Cardin, 2019).

Sob essa ótica, considera-se que o termo transgênero abrange grupos diferentes que incluem mulheres transexuais, homens transexuais e outras pessoas trans. A identidade pessoal de cada transgênero ocorre de acordo com as relações com os demais e sua identidade

se constitui de acordo com a sua percepção de pertencer ou não a determinado gênero (Silva, 2017).

Simone de Beauvoir (1980) ao pontuar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, destacou as inúmeras construções sociais em torno do que vem a ser homem e ser mulher. Com isso, a autora nos remete ao pensamento de que a possível escolha implícita no ato de “tornar-se” ocorre de modo culturalmente imperativo ao longo da vida das pessoas.

O conceito de gênero aqui trabalhado parte do referencial teórico de Saffioti (1992) como um fator social, independente de sexo biológico, sendo, portanto, aquele ao qual a pessoa se identifica. Para o autor:

Não se trata de perceber apenas corpos que entram em relação com outro. É a totalidade formada pelo corpo, pelo intelecto, pela emoção, pelo caráter do EU, que entra em relação com o outro. Cada ser humano é a história de suas relações sociais, perpassadas por antagonismos e contradições de gênero, classe, raça/etnia (Saffioti, 1992, p. 210).

A prática do ato de distinção contra pessoa do qual resulta desigualdade ou injustiça se caracteriza como discriminação. Essa distinção se baseia no fato da pessoa pertencer, de fato ou de modo presumido, a determinado grupo (Moreno, 2009). Nessa direção, nota-se que no Brasil a população trans está mais suscetível a uma situação de vulnerabilidade, ou seja, ser vítima da transfobia.

A transfobia é análoga à homofobia, que é a intolerância direcionada àqueles indivíduos que possuem uma orientação sexual divergente da heterossexual. Já a transfobia consiste no preconceito e/ou discriminação em razão da identidade de gênero de pessoas transgêneros, travestis e transexuais (Jesus, 2012; Dias, 2014).

Transfobia pode ser demonstrada de diversas formas e as pessoas que se enquadram como transexuais são tratadas como “anormais”, um dos fatores que motivam esse preconceito se dá pelo fato de que as pessoas trans têm corpos que não se enquadram na “normalidade” social aceita culturalmente (Jesus, 2012).

A falta de entendimento que a sociedade tem sobre sexo biológico, gênero e sexualidade acaba por estigmatizar, marginalizar e, muitas vezes, desumanizar as pessoas transexuais, tornando-as alvos fáceis de atitudes discriminatórias e violência (Junqueira, 2009; Butler, 2003).

A pessoa transgênero é rejeitada de todas as formas - das mais dissimuladas e sutis às mais evidentes e ostensivas. Transfobia está longe de ser apenas uma questão de repulsa e negação em se relacionar de maneira normal no dia a dia, fazer sexo ou manter um romance com uma pessoa transgênera. A Transfobia está impregnada em todas as áreas de atividade humana: política, econômica, social, cultural e religiosa (Lanz, 2014, p. 256).

A rejeição a que pessoas trans estão sujeitas envolve diversos fatores sociais, pois a construção histórica da sociedade impõe um modelo binário acerca do que é ser homem e do que é ser mulher.

Medeiros, Castro e Siqueira (2019, p. 6) apontam que nesse sentido, pode-se dizer que os desafios a partir das vivências trans são recorrentes, e perpassam a trajetória de vida do indivíduo, principalmente, no momento de transição de gênero.

A população transexual, por uma razão de incompatibilidade do que é socialmente esperado e imposto entre gênero e sexo morfológico<sup>2</sup> pela sociedade ao longo dos tempos, acaba sendo colocada na marginalidade social e a vivência desses sujeitos tem sido marcada por diversas formas de preconceito e violências.

Segundo a associação internacional Transgender Europe (TGEU) (2021), as pessoas trans, em diversas partes do mundo, são vítimas de repetitivas violências relacionadas ao gênero. Como uma forma de reação a tais atos, ativistas articulados nacional e internacionalmente lançaram o Dia Internacional da Memória Trans (TDoR) em 1999, porém, até o ano de 2009, não havia monitoramento quanto à violência de ódio ou relatos internacionais de assassinatos de pessoas trans. Por esta razão, o TGEU lançou o Trans Murder Monitoring (TMM), que desde 2009, visa preencher a lacuna de dados através da coleta sistemática, monitoramento e análise de assassinatos relatados de pessoas trans/variantes de gênero em todo o mundo (TGEU, 2021).

Na atualização mais recente do TMM, apresentada no TDoR em 2021, foi revelado um total de 375 pessoas trans assassinadas no mundo, entre os dias 1º de outubro de 2020 e 30 de setembro de 2021 (TGEU, 2021).

Segundo o último relatório da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) publicado em janeiro de 2022, 4 em cada 10 homicídios contra trans no mundo

---

<sup>2</sup> Segundo o dicionário Michaelis, na biologia, a palavra morfologia refere-se às formas e aspectos estruturais de seres organizados. Assim, entende-se como sexo morfológico a forma atrelada à genitália da pessoa ao nascer. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/morfologia>>. Acesso em 26 de março de 2023.

ocorreram no Brasil. Assim, pelo 13º ano consecutivo, o Brasil continua liderando o ranking do país onde mais se mata transexuais, seguido pelo México e Estados Unidos<sup>3</sup>.

Com a pandemia do COVID-19, as desigualdades sociais se aprofundaram trazendo fome, desemprego e diversos outros agravantes sociais que culminaram no aumento da vulnerabilidade socioeconômica da população trans.

Diante da epidemia do coronavírus e de toda a dificuldade que temos tido para organizar estratégias capazes de promover um enfrentamento eficaz, que vêm sendo prejudicadas pela lambança que vem sendo feita pelo presidente, vemos escancarada a política de deixar viver ou morrer, que já vinha sendo colocada em prática, mas que agora se manifesta sem filtro e sem limites. Seja pelas ações do governo ou ausência delas, essa política afeta diretamente pessoas empobrecidas, negras, idosos, PCD, mulheres, pessoas vivendo com HIV, LGBTQIAP+, indígenas e outros povos tradicionais, pessoas que não têm sua humanidade reconhecida, cujas existências sejam vistas como indesejáveis, não devendo ter acesso a cuidados ou a direitos (Benevides, 2020, p. 9).

Ainda conforme publicado no Dossiê de Assassinatos contra travestis e transexuais da ANTRA (2021), houve aumento nos índices de violência doméstica, piora na saúde mental e aumento de suicídios, além ainda da perda de importantes ativistas de importância dentro do movimento trans nacional em decorrência da COVID-19, justamente por estarem atuando pela vida das pessoas trans na linha de frente.

A situação de vulnerabilidade a que os transexuais estão expostos talvez seja um fator determinante para a existência de dados tão alarmantes, embora nem todos os casos de violência sejam reportados adequadamente pelos órgãos de segurança pública e nem todos os casos são noticiados pelos meios de comunicação. Assim, o reconhecimento dos fatores sociais para a existência de tais índices de violência a que estes sujeitos estão submetidos torna necessário a realização de estudos para que haja uma diminuição do estigma ao qual a população trans está submetida.

No campo midiático, centro de interesse do presente estudo, observa-se a limitação de estudos com foco no papel de responsabilidade social do jornalismo ao efetuar a cobertura de assuntos relacionados a população transexual em uma perspectiva que reconheça os direitos humanos desta população. Enquanto áreas do conhecimento como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia se debruçam a algum tempo no estudo da população na perspectiva do reconhecimento e dos direitos humanos, a área da Comunicação esse debate é mais recente.

---

<sup>3</sup> Relatório da Antra: 140 pessoas trans brasileiras foram mortas em 2021; 4 em cada 10 homicídios contra trans no mundo ocorreram no Brasil. Disponível em: < <https://agenciaaids.com.br/noticia/relatorio-da-antra-140-pessoas-trans-brasileiras-foram-mortas-em-2021-4-em-cada-10-homicidios-contra-trans-no-mundo-ocorreram-no-brasil/>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.

Dentre as razões que justificam a realização desta dissertação destaca-se a possibilidade de dar visibilidade a violência sofrida por esta população, marginalização e estigmatização por não estarem “adequadas” aos padrões sociais impostos, privando estes indivíduos da efetivação dos direitos fundamentais garantidos em lei, inclusive o direito à vida.

O Artigo 5º da Constituição Federal Brasileira (1988) define o exercício da liberdade dos indivíduos (que compõe a maioria de todos os incisos do Artigo), o direito da igualdade e justiça, bem como também o exercício dos direitos individuais e sociais. Assim, esses elementos são tidos como soberanos para uma vida em sociedade, tornando-a fraterna e livre de violências e preconceitos<sup>4</sup>.

Segundo o Dossiê de Assassinatos contra travestis e transexuais brasileiras da ANTRA (2022), quatro em cada dez homicídios contra trans no mundo ocorreram no Brasil. Assim, pelo 13º ano consecutivo, o Brasil continua liderando o ranking do país onde mais se mata transexuais, seguido pelo México e Estados Unidos<sup>5</sup>.

Evitar clichês e fomentar a conscientização da sociedade para integrar pessoas trans de forma adequada, nessa direção, é uma forma de reconhecimento da diversidade. A ética jornalística deve ser enfatizada na cobertura dos assuntos que envolvem a população trans e sua ausência das pautas jornalística favorece o reforço e a proliferação de discursos transfóbicos.

Os meios de comunicação poderiam contribuir de forma mais abrangente para a conscientização social sobre a violência contra a população trans ao tratar o assunto de forma problematizada.

A transexualidade que, até um tempo recente, era vista pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um transtorno mental aos poucos vai sendo compreendida de forma mais adequada. No dia 18 de junho de 2018, foi publicado pela OMS um novo modelo da lista de classificações na qual a transexualidade deixa de ser considerada um “transtorno de gênero” e passa a ser considerada uma condição relativa à saúde sexual. Somente em junho de 2019 a versão oficial foi lançada, considerando, de fato, como uma condição.

A mudança na forma do pensamento sobre a transexualidade no campo da saúde foi uma conquista resultante da luta dos movimentos das pessoas trans pela despatologização dessa condição. Aqui há de se ressaltar que a luta continua, pois a transexualidade permanece

---

<sup>4</sup> Art. 5º da CFB. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 31 de março de 2023.

<sup>5</sup> **Dossiê de Assassinatos contra travestis e transexuais brasileiras.** ANTRA. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf/>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) da OMS.

Nesta atualização, batizada de CID-11, que substitui a CID-10, a transexualidade passa a integrar um novo capítulo intitulado "condições relacionadas à saúde sexual" e é classificada como "incongruência de gênero". Na edição anterior do catálogo, o termo estava no capítulo sobre "transtornos de personalidade e comportamento", em um subcapítulo chamado "transtornos de identidade de gênero"<sup>6</sup>.

A demora da OMS para despatologizar a transexualidade mostra quanto o público transgênero contraria a ideia social do sexo biológico como determinante da identidade de gênero, reforçando a sua marginalização e exclusão. Por serem vistos como transgressores do modelo cisgênero, o público "T" é o que mais sofre com a violência direcionada às pessoas LGBTQIAP+.

Questionar o motivo pelo qual a transexualidade foi retirada da lista de patologias, mas continua sendo listada na CID da OMS permite focar na persistência dos estigmas e discriminação ligados a essa categorização. Embora a reclassificação da transexualidade como "incongruência de gênero" represente progresso ao desvincular a identidade de gênero de um estado patológico, sua permanência na CID pode fortalecer preconceitos e dificultar o acesso a cuidados de saúde adequados. Incluir a transexualidade na categoria de saúde sexual é um reconhecimento positivo, no entanto, a constante associação com uma classificação médica pode reforçar estereótipos e impedir a total aceitação e integração das pessoas trans na sociedade.

A ambiguidade resultante da manutenção da categorização na CID, mesmo com a remoção do rótulo de transtorno mental, pode fortalecer concepções negativas em relação à identidade de gênero de pessoas trans. Por isso, há uma crítica direcionada para a importância de ir além da simples reclassificação, visando adotar uma postura mais inclusiva e respeitosa que valorize a diversidade de identidades de gênero sem patologizá-las.

A sociedade brasileira, marcada pelos valores conservadores, não reconhece os direitos da comunidade LGBTQIAPN+ e vários são os exemplos dos ataques aos direitos desta população. Em setembro de 2019, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, mandou recolher exemplares da História em Quadrinhos (HQ) dos Vingadores durante a

---

<sup>6</sup> MARTINELLI, Andréa. HUFFPOST. Após 28 anos, OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental. 18/06/2018. Disponível em: < <https://crprn.org.br/noticias/apos-28-anos-oms-deixa-de-classificar-transexualidade-como-doenca-mental/>>. Acesso em 20 de março de 2023.

realização da Bienal do Livro, no Riocentro pelo motivo de dois dos personagens da saga aparecerem como namorados e um beijo era ilustrado em um painel da história<sup>7</sup>.

A relação entre o estado laico e a decisão do então prefeito de recolher a revista em quadrinhos dos Vingadores com um beijo gay está ligada à influência de questões religiosas no âmbito público. O estado laico implica na separação entre religião e governo, assegurando a imparcialidade do Estado em assuntos religiosos e preservando a liberdade de crença de todos os cidadãos.

No entanto, a atitude de Crivella, ligado à Igreja Universal do Reino de Deus, ao determinar a retirada da revista com conteúdo LGBTQIAPN+ na Bienal do Livro, demonstra uma transgressão ao princípio da laicidade. Assim, a ação de Crivella ao confiscar a HQ dos Vingadores com um beijo gay na Bienal do Livro revela um embate entre a secularidade do Estado e a influência de valores religiosos no espaço público, ressaltando a relevância de manter a separação entre religião e governo para assegurar a equidade e a liberdade de expressão para todos os cidadãos.

Além do exemplo em questão, outros podem ser citados como o programa do Sikêra Jr., altamente criticado por perpetuar o preconceito e a discriminação contra pessoas trans. Seus comentários depreciativos e linguagem ofensiva contra a comunidade LGBTQIAPN+, incluindo o uso de termos depreciativos como “raça desgraçada”<sup>8</sup> ao comentar uma campanha inclusiva da rede de lanchonetes Burger King, que gerou polêmica e reações adversas. Tal comportamento não só promove um ambiente hostil, mas também contribui para a marginalização e estigmatização da população trans.

O caso de Dandara dos Santos, então com 42 anos, uma travesti brutalmente assassinada na periferia de Fortaleza – CE em fevereiro de 2017<sup>9</sup>, repercutiu nacionalmente através de um vídeo no qual toda a violência que precedeu a sua morte foi amplamente divulgado e envolvia socos, chutes, chineladas, pauladas, pedradas e tiros.

Com a repercussão e a comoção gerada, houve investigação, que foi acompanhada de perto pelo então secretário de segurança do Ceará e, posteriormente, os criminosos

---

<sup>7</sup> GRINBERG; RISTOW. **Crivella manda recolher HQ dos Vingadores com beijo gay; Bienal se recusa.** 06/09/2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/crivella-manda-recolher-hq-dos-vingadores-com-beijo-gay-bienal-se-recusa-23930534>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2024.

<sup>8</sup> LEMOS, Nina. UOL Universa. **Sikêra Jr: discurso homofóbico pregando ódio não é "excesso", é crime.** 30/06/2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/nina-lemos/2021/06/30/silkera-jr-discurso-homofobico-pregando-odio-nao-e-excesso-e-crime.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.

<sup>9</sup> POMPEU, Carmem. UOL Universa. **Após divulgação de vídeo, suspeitos de matar travesti são presos no Ceará.** 07/03/2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/03/07/apos-video-assassinos-de-travesti-sao-capturados-pela-policia-do-ceara.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 12 de setembro de 2023.

condenados a penas de até 21 anos de reclusão. Com tamanho impacto gerado, a vítima Dandara foi homenageada e a rua em que ocorreu o crime recebeu o seu nome, sendo então a primeira rua no Ceará a ter o nome de uma travesti.

Durante o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, conhecido por suas declarações LGBTQIAPN+fóbicas, o retrocesso e sucateamento das políticas voltadas ao referido público foi intensificado. Mantido ao longo dos três primeiros anos de governo Bolsonaro, o Departamento de Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (DPLGBT) foi extinto por meio do Decreto nº 10.883, de 6 de dezembro de 2021. O órgão era responsável por coordenar ações voltadas a essa população no âmbito do governo federal e estava vinculado ao Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, então comandado por Damares Alves<sup>10</sup>.

Diante da breve contextualização sobre a violência contra a população trans a dissertação se debruçou no seguinte problema de pesquisa: como é construída a cobertura jornalística dos assuntos que envolvem diretamente as pessoas transexuais? Partimos da hipótese que a cobertura jornalística da população trans ainda está distante da realidade em que tal população vive e que muitas vezes reforça o preconceito que está presente na sociedade brasileira por meio da transfobia.

Para aprofundar sobre o referido problema de pesquisa a dissertação é composta por três capítulos. O primeiro capítulo trata sobre as reflexões teóricas no campo das ciências sociais e da mídia sobre a transexualidade e a transfobia. Já o segundo capítulo tem como objetivo apresentar o percurso metodológico da dissertação, sendo expostas todas as razões que levaram à escolha das técnicas e procedimentos adotados. O terceiro e último capítulo aborda a cobertura jornalística dos acontecimentos que envolvem a população trans enfatizando a análise das notícias coletadas nos portais de notícias R7 e Universa. Nas considerações finais são apontados os desafios para uma cobertura jornalística justa e diversa sobre a população trans.

---

<sup>10</sup> Retrocesso e sucateamento: a política LGBTI+ do governo Bolsonaro. Disponível em: [<https://adiadorim.org/reportagens/2022/10/retrocesso-e-sucateamento-a-politica-lgbti-do-governo-bolsonaro/#:~:text=Extin%C3%A7%C3%A3o%20de%20C3%B3rg%C3%A3o%20federal,6%20de%20dezembro%20de%202021.>]. Acesso em: 10 jan 2024.

## 2 TRANSEXUALIDADE E TRANSFOBIA: REFLEXÕES TEÓRICAS E MIDIÁTICAS

Dentre as categorias que compõem a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queers, Intersexos, Assexuais, Pansexuais, Não-Binárias (LGBTQIAPN+), e demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero, os transexuais compõem a parte de menor visibilidade o que exige, cada vez mais, a realização de estudos e criação de políticas públicas específicas, uma vez que estes possuem singularidades que cabem apenas à realidade deles.

Nota-se que o ser humano, desde o nascimento, é ensinado a se comportar e se identificar em conformidade com o seu sexo biológico (Cazelatto; Cardin, 2019). Os mais variados contextos sociais não estão prontos para lidar naturalmente no tocante às diversidades sexuais e de gênero e, em muito, determinam os surgimentos de exclusões, estigmas e discriminações. A transexualidade vai contra as barreiras que a cultura histórica impôs de que existem apenas dois gêneros e apenas um modelo aceitável de sexualidade, rompendo assim com os paradigmas impostos (Veiga Junior, 2016).

Não obstante ao que foi dito, vale ressaltar que a população trans é visível resiste e se organiza em busca de justiça; são agentes de transformação e atores de sua própria história na busca do reconhecimento e de equidade de direitos (Chagas; Nascimento, 2017).

A estigmatização social expõe as pessoas transexuais à violência, ao tempo que elas são frequentemente emudecidas e oprimidas na sociedade. A luta pela visibilidade trans tem ganhado cada vez mais espaço através de um empenho constante de transexuais em terem reconhecida a sua identidade de gênero e poderem ser quem são, onde quiserem e livres da opressão social.

Atualmente o Brasil é um dos países que mais matam Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Sob esta ótica, a violência contra a população LGBTQIAP+ mostrou um considerável crescimento, conforme divulgado pelos dados apresentados em 2022 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) referente ao período de 2020 e 2021: 35,2% a mais de agressões, 7,2% a mais de homicídios e 88,4% a mais de estupros das pessoas identificadas como LGBTQIAP+ (FBSP, 2022)<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em:< <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=15>>. Acesso em 2 de abril de 2023.

Segundo relatório de Discriminação e Violência Contra a População LGBTQIAPN+<sup>12</sup> publicado pelo Conselho Nacional de Justiça - CNJ (2022), a violência contra esta população está estritamente relacionada à discriminação contra ela, o que foi cunhado com o termo “LGBTfobia”.

A negação dos direitos básicos e a ineficiência das políticas públicas causam profundo impacto na população LGBTQIAPN+ e em se tratando de pessoas trans este impacto torna-se ainda mais notável frente aos dados de uma baixa expectativa de vida e baixa escolaridade.

Ao abordarmos o âmbito trabalhista, as pessoas trans são em sua maioria renegadas à prostituição ou informalidade, trazendo graves fragilidades ao exercício das liberdades individuais, tornando-as pessoas expostas à vulnerabilidade e ao preconceito.

Em se tratando do campo do jornalismo, fatos ocorridos com pessoas trans podem simplesmente ser um objeto de escolha dentre outros apenas para virar notícia e ter um cunho meramente factual e muitas vezes sensacionalista. Em contrapartida, estes fatos podem gerar conflitos e provocar mudanças sociais através do julgamento de valores.

A comunicação é uma estratégia de desenvolvimento de nossa sociedade, pois o processo de comunicação é coletivo e não individual e é por ela que compartilhamos e produzimos sentido através das experiências estéticas.

Os grandes conglomerados da mídia têm em suas mãos a propriedade dos meios de produção, a tecnologia e as bases de um conjunto que domina todo o processo de produção, material ou não. Para Williams (2011), é um sistema dominante, efetivo e eficaz que define técnicas de grande alcance e propaga significados e valores. Todo o conjunto que forma esse sistema é de grande importância para a construção de aceitações sociais.

Concluimos assim que as decisões editoriais e representações do cotidiano, bem como os discursos das notícias são prioritariamente marcados pelos interesses de quem os financia e isso resulta na produção e reprodução de uma lógica discursiva específica, que é coerente com o contexto sociopolítico histórico em que se desenvolve.

O grau de influência varia de veículo para veículo de acordo com os aparatos tecnológicos, alcance, audiência e relações mercadológicas. A complexidade do sistema midiático é ampliada pela digitalização e multiplicação de serviços de “infoentretenimento” intensificando seus fluxos em tempo real, instituindo novas formas de interação, conexão e sociabilidade, assim como, agravou a concentração e a oligopolização dos meios de comunicação (Lima, 2022, p. 37).

---

<sup>12</sup> Relatório de Discriminação e Violência contra a População LGBTQIAP+. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contra-lgbtqia.pdf>>. Acesso em 1º de abril de 2023.

Tais raciocínios e argumentos elaborados não escapam da padronização quando utilizados em assuntos relacionados a gênero. Tudo o que não se adequa ao modelo estabelecido pelos critérios mercadológicos e do capitalismo é frequentemente excluído.

Democratizar a os meios de comunicação não significa apenas ampliar o acesso e pluralizar as representações, mas sim democratizar a construção das representações que, por sua vez, constroem condutas que indicam que as existências devem ser respeitadas e incluídas, servindo assim como um mapa social de condutas.

Para Barros (2012, p. 85), “a sociedade midiaticizada tem na comunicação um elemento estruturante; não na perspectiva de um agendamento cego de pautas sociais, mas como dimensão contemporânea da esfera pública”. Logo, as tecnologias, os aparelhos e os códigos são criadores de um novo conceito de comunicação, uma vez que a midiaticização é constituída por processos e operações sociotécnicas (Araújo, 2009).

A narrativa está para a comunicação como um elemento de construção dos processos sociais porque está presente nas sociedades de diversas maneiras, seja pela escrita, pela imagem ou por sinais.

A sociedade midiática cria na mente das pessoas aquilo que deseja que elas consumam. A midiaticização abrange esse funcionamento da sociedade, definindo como ocorrerá a aquisição, interação e o consumo, tornando a sociedade midiaticizada uma relação de produtor e receptor. Assim, as diversas tecnologias transformam as relações sociais e o modo e consumo da sociedade.

Em meio a discussões e argumentações, a mídia retrata as pessoas trans de maneiras variadas, mas que de alguma forma tem trazido visibilidade ao tema. Assim, enquanto ganham espaço na mídia, pessoas transexuais têm a chance de tentar mudar o cenário de estigmatização e preconceitos a que estão submetidas.

Em abril de 2023, foi divulgado o discurso de uma vereadora da cidade de Belo Horizonte, Flávia Borja (Partido Progressista), durante exposição de projeto de lei que versava contra a discriminação por identidade de gênero e a mesma disse que pessoas trans “não são bem-vindas”, o que deixou explícita a sua posição transfóbica. Vários portais de notícias versaram sobre o assunto e o tema ganhou visibilidade. Em notícia publicada pelo Portal de Notícias UOL, por exemplo, apesar de factual, apresentou explicação sobre o crime compreendido pela transfobia.

A transfobia promove a exclusão de transexuais e vai além do ataque físico e/ou com palavras direcionadas a essas pessoas. O STF determinou, em 2019, que a lei de racismo contemple os crimes de homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia, ou seja,

crimes contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Então, sim, intolerância e discriminação contra transexuais é crime e pode dar até três anos de cadeia. A prática pode ser enquadrada na Lei de Racismo ou no crime de injúria racial<sup>13</sup>.

Assim, é importante destacarmos o papel do jornalismo na veiculação das notícias envolvendo pessoas trans, bem como o seu papel social a fim de que sejam suprimidas ações transfóbicas em uma sociedade predominantemente cisheteronormativa que repudia a diversidade.

O jornalismo, na proposição de Genro Filho (1987), é tido como uma das estratégias de maior importância que as sociedades modernas detêm para conhecer a elas mesmas, o que acontece em seu interior e nos mais diversos contextos das atividades humanas. Ainda na concepção do autor:

A informação jornalística não é contrária à formação da experiência: trata-se, inclusive, de uma experiência que já vem, em alguma medida, 'pré-formada' pelos mediadores e pelo sistema jornalístico no qual estão inseridos; noutro sentido, essa experiência 'pré-formada' não resulta pronta e acabada, mas convida o público a completá-la como um fenômeno que estivesse sendo percebido diretamente. A sua significação universal, está apenas sugerida ao invés de formalmente fixada. A concepção ingênua de que o jornalismo inevitavelmente fragmenta o real e, em consequência, é necessariamente manipulatório e alienante, sequer consegue notar que a singularidade é uma dimensão objetiva da realidade e, além disso, que o singular também contém o particular e o universal (Genro Filho, 1987, p. 209).

A notícia alimenta-se da singularidade de determinado acontecimento, o que há de mais específico nele. Sendo assim, a notícia trata de quem ou a que se refere e em quais circunstâncias ele ocorreu.

Cada fato a que o jornalismo se insere em dimensões mais abrangentes e, a partir dele, percebe-se a inserção em dada classe de eventos particulares que, por sua vez, seguem na direção de uma universalidade, no sentido da indicação de fatores mais amplos da realidade à qual pertence o fato noticiado (Carvalho, 2012).

Hall (2013) diz que a comunicação em massa é um processo no qual a comunicação ocorre como um circuito no qual a linearidade do processo emissor-mensagem-receptor é criticada. O autor pontua que, neste processo, deve ser pensada a forma que o receptor e a mídia codificam/decodificam a mensagem no momento em que ela é produzida e que é recebida.

---

<sup>13</sup> Transfobia em BH: vereadora diz que pessoas trans "não são bem-vindas". Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/04/06/transfobia-em-bh-vereadora-diz-que-pessoas-trans-nao-sao-bem-vindas.htm>>. Acesso em: 9 de abril de 2023.

Segundo Paixão (2016, p. 42), a “configuração mercadológica da mídia, desde sua gênese, trouxe marcas que são observadas hoje no Brasil: verdadeiras indústrias concentradas que tratam a sua matéria-prima – a informação – como produto vendável”. Além da mercantilização da informação, temos uma concentração dos meios de comunicação em poucas mãos, demarcada por um oligopólio de empresas familiares. Nesse sentido, “a informação sob a forma midiaticizada é um bem produzido e difundido por poucos. É nesse nível que há o favorecimento de alguns grupos em detrimento de uma maioria da sociedade” (Paixão, 2016, p. 45).

Nessa direção compreender o papel de responsabilidade social do jornalismo implica aqui considerar e analisar a forma como o mesmo retrata a população trans em suas narrativas.

## 2.1 Transfobia e Seus Impactos na Sociedade

As maneiras que a transfobia se manifesta na vida de pessoas transexuais são diversas, partindo desde sua patologização, inúmeras indicações de tratamentos medicamentosos para sua cura, todo o preconceito vivido (seja na forma velada ou explícita), as violências física, moral e psicológica, rompimento de vínculos familiares por sua não aceitação. Para Lima (2022):

[...] ao longo da história brasileira desta população, todos os processos para garantia de direitos estiveram relacionadas à sua visão como doença, para acessar a mudança de nome e gênero nos documentos, para ter acesso à assistência social e a saúde pública eram necessários diversos laudos médicos, psiquiátricos e enquadramentos em diagnósticos, além da relação íntima com as cirurgias de resignação sexual e alterações nos corpos, sendo essas fundamentais para a “comprovação” da transexualidade. Através da politização dessas pautas e das lutas sociais, houve mudanças significativas que marcam a garantia da cidadania e da dignidade humana desta população (Lima, 2022, p. 32).

Dentre tantas violências contra pessoas transexuais, uma marca muito forte são os assassinatos motivados pela transfobia<sup>14</sup> que na maioria das vezes são invisibilizados por sequer a vítima ter sua identidade reconhecida. Ainda para Lima (2022), a constituição da vítima requer, como de costume, a mobilização de convenções morais e sua proximidade com

---

<sup>14</sup> Não somente para sugerir o medo às pessoas transexuais, transfobia também se refere aos comportamentos negativos – ódio, repulsa, raiva ou indignação – contra pessoas transexuais em razão de sua transexualidade, tais comportamentos vão abrangendo desde insultos verbais a agressões físicas e assassinatos. (Bettcher, 2013, p. 280).

os padrões sociais. A articulação desses manejos sociais torna-se mais difícil à medida que a vítima destoa dos padrões sociais e morais.

Segundo Carrara (2006), atos criminosos cometidos em decorrência do gênero, que quebram o paradigma entre sexo e identidade, ocorrem acentuadamente em maiores proporções que os cometidos em decorrência da orientação sexual. Assim, a identidade trans é mais vulnerável aos crimes motivados pelo ódio, aqui configurado como transfobia (Mott, 2014).

Nessa direção, observa-se que também nos meios de comunicação os assuntos relacionados à violência contra pessoas transexuais, resultado da transfobia tem sido cada vez mais recorrentes o que se relaciona diretamente ao aumento dessa incidência de crime na sociedade brasileira.

As pessoas trans são colocadas em situação de vulnerabilidade por não reproduzirem um comportamento adequado às convenções e normas da sociedade, elas podem ser aceitas de fato como vítimas ou, caso contrário, sua identidade de gênero será desrespeitada pelos demais. O que notamos é que pessoas transexuais se encontram na “ponta da flecha” em se tratando de discriminações contra a população LGBTQIAPN+.

Quanto às imposições sociais impostas a população trans, Bento (2017) pontua:

Pessoas que solicitam cirurgias de transgenitalização são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais, entram na justiça para solicitar a mudança do nome e do sexo, enfim, um conjunto de instituições sociais é posto em ação toda vez que alguém afirma: “não me reconheço nesse corpo, não me identifico com o gênero imposto, quero uma cirurgia corretiva do meu sexo, não suporto esses seios que me aprisionam ao destino materno”. Essas anúncios reverberam nas instituições como sentenças proferidas por uma pessoa transtornada, sem condições de significar suas dores (Bento, 2017, p. 6).

O livre arbítrio das escolhas quanto ao gênero ocorre de forma oposta a um conjunto de regras sociais que determinam nosso comportamento, com quem devemos nos relacionar e o que nos é permitido vestir. Assim, aferimos que até conseguimos escapar do que é biologicamente determinado, mas o mesmo não ocorre com a imposição cultural que tem como referência o sexo biológico (Firmino; Porchat, 2020).

Tais fatores acrescidos contribuem negativamente para que a transfobia ocorra de forma estratégica e camuflada, tendo como resultado as crescentes estatísticas da violência direcionada a pessoas trans. Deste modo, entende-se o quanto o apoio de pessoas cisgêneros na luta pela garantia dos direitos trans é necessária.

Para a comunicadora Lana de Holanda Pelech, colunista do Portal Catarinas, a transfobia não é mais apenas fruto da desinformação, da ignorância e do preconceito. Segundo ela, a promoção da transfobia fomenta a venda de livros, likes, visualizações e até mesmo a eleger pessoas, se tornando também um ato político<sup>15</sup>.

O impacto que a transfobia causa na vida de pessoas trans reflete diretamente nas suas vivências em diversos âmbitos como o acesso a serviços de saúde, inserção no mercado de trabalho formal, acesso à educação e mudança de nome.

Em matéria intitulada “Não consegui fazer exame pelo plano de saúde porque sou uma pessoa trans”<sup>16</sup>, publicada no portal UOL Notícias no dia 20 de abril de 2023, por exemplo, é relatado o caso de um jornalista trans que teve um exame negado por seu plano de saúde, pois se tratava de um ultrassom transvaginal solicitado por sua ginecologista.

O jornalista relatou o quanto é um processo doloroso ter essa negativa pelo plano enquanto tudo que ele estava fazendo era se cuidar fisicamente. Esse ocorrido, dentre tantos outros que são relatados frequentemente, nos faz refletir como os serviços de saúde ainda agem de forma despreparada e sem protocolos voltados a pessoas trans.

Em entrevista ao Jornal Estadão em matéria publicada no dia 26 de junho de 2019<sup>17</sup>, Bruna Benevides, secretária de comunicação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), pontuou que “[Eles] não enxergam nossos corpos como possíveis. Não existe especialidade para tratar pessoas trans, somos humanos, as questões podem ser tratadas por qualquer médico, mas muitos têm dificuldade em tocar nossos corpos, nos examinar”.

O artigo 23º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) destaca que “toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego”<sup>18</sup>. A realidade quando se trata de pessoas trans é bem diferente.

---

<sup>15</sup> HOLANDA, Lana de. **A transfobia é um projeto fascista**. Disponível em: <<https://catarinas.info/colunas/a-transfobia-e-um-projeto-fascista/>>. Acesso em: 22 jun. 2023.

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/04/20/jornalista-trans-exame-ginecologico-negado-plano-de-saude.htm>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

<sup>17</sup> Estadão. **Apesar de políticas, população LGBT enfrenta dificuldades no acesso à saúde**. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/emails/bem-estar/apesar-de-politicas-populacao-lgbt-enfrenta-dificuldades-no-acesso-a-saude/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

<sup>18</sup> Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania. **Artigo 23º: Direito ao trabalho livre, justo e remunerado**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2018/novembro/artigo-23deg-direito-ao-trabalho-livre-justo-e-remunerado>>. Acesso em 19 abr. 2023.

Ao trazermos à luz o debate acerca dos Direitos Universais, trago uma citação de Caeiro (2016, p. 127):

Em sociedades como a nossa, que constantemente proclamam a existência de direitos universais (como sejam os de direito à vida, liberdade e igualdade), mas que sempre falham na sua concretização, torna-se inevitável o questionamento: que sentido têm esses valores para, por exemplo, pessoas trans, pessoas negras, mulheres, não heterossexuais, da periferia, pobres? Que vidas têm direito a ser reconhecidas como humanas? Como e quem chega a construir tais sentidos? (Caeiro, 2016, p, 127).

Grandes são os desafios incluir as pessoas transexuais no mercado de trabalho. O que ocorre no cotidiano é que tais pessoas vivenciam a cultura da exclusão, do preconceito, da falta de conhecimento sobre o assunto e insuficiência de políticas e cultura organizacionais voltadas à inclusão. Tais fatores levam a ações que não contribuem para a inclusão desta população no mercado de trabalho.

Um fator que podemos citar como gênese de números elevados de trans excluídos do mercado de trabalho é o alto índice de transexuais e travestis que não conseguem concluir seus estudos. Segundo a ANTRA, cerca de 70% dessa população sequer chega a concluir o Ensino Médio<sup>19</sup> e, assim, em vagas que exigem qualificação de alto nível a população trans é excluída por não atender as exigências para o cargo.

A maioria dessa população é vítima da exclusão desde o convívio familiar, em que sua identidade não é aceita, aos ambientes escolares e profissionais. Sem o apoio da família e das instituições de ensino e diante da discriminação sofrida no mercado de trabalho, a população travesti e transexual acaba não tendo oportunidades que viabilizem uma vida digna na sociedade. Sem formação escolar completa e sem oportunidades de trabalho formal, essas pessoas ficam sujeitas à vivência em situação de rua e à prostituição, deixando-as expostas à violência produzida pelo preconceito da sociedade e a ausência de garantias de direitos sociais (Lima, 2022, p. 14-15).

Adolescentes transexuais, travestis e transgêneros enfrentam grandes desafios que vão desde o desrespeito com o nome social no momento da chamada ou na questão de qual banheiro utilizar. Segundo o relatório mais recente da Pesquisa Nacional Sobre o Ambiente Educacional no Brasil, organizado pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), 73% dos alunos LGBTQIAPN+ que participaram da pesquisa relataram já terem sofrido agressões verbais por sua orientação

---

<sup>19</sup> Disponível em: <<https://antrabrasil.org/>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

sexual e 68% relataram agressão devido à identidade de gênero<sup>20</sup>. Estes números mostram-se alarmantes, pois demonstram um ambiente de hostilidade e violência quando se trata de pessoas LGBTQIAPN+.

Em entrevista ao G1, o presidente da Comissão de Diversidade Sexual e Gênero da OAB e IBDFAM Tocantins disse que “a expectativa de vida de pessoas trans é cerca de 34/35 anos, com escolaridade baixíssima, formação em ensino superior pífia. Então, nós temos muito ainda o que evoluir em cotas afirmativas em universidades, em políticas públicas afirmativas para empregabilidade trans, em isenção de imposto, incentivo a empresas contratar pessoas transexuais e travestis. Assim, podemos ter cada vez mais contato com uma travesti, uma transexual em ocupações de trabalho do nosso cotidiano”<sup>21</sup>.

## 2.2 (In)Visibilidade e Falta de Reconhecimento das Pessoas Trans

Para Tomaz da Silva (1999, p. 11) a identidade pode ser entendida como um ato performativo, resultado de construções inacabadas, assim podemos entender a identidade como algo mutável porque ela é resultado da leitura de si em relação aos outros e está ligada ao processo da coletivização dos indivíduos. Segundo estudo feito pela Faculdade de Medicina de Botucatu da Universidade Estadual Paulista (FMB - Unesp), estima-se que atualmente quase 2% da população brasileira é composta por pessoas transexuais, travestis e não-binários, perfazendo um número total de quase 3 milhões de pessoas<sup>22</sup>. A não-binaridade é entendida como aquele sujeito que não se identifica como binário, ou seja, como homem ou como mulher.

Ainda é escassa a quantidade de dados sobre o perfil da população transexual no país, o que acaba dificultando o acesso aos direitos básicos por esta população. Uma reivindicação antiga do movimento LGBTQIAPN+ é a o fim da invisibilidade que até hoje assola este público. Um exemplo simples é o Censo Demográfico realizado pelo IBGE que, até a sua última realização não teve incluídas questões sobre sexualidade e identidade de gênero.

---

<sup>20</sup> **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016.** Disponível em: <<https://atlasdasjuventudes.com.br/biblioteca/pesquisa-nacional-sobre-o-ambiente-educacional-no-brasil-2016/>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

<sup>21</sup> **‘Se permitir é um ato de muita coragem’:** diz estudante que mostra nas redes sociais a própria transição de gênero. Disponível em: <<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2023/06/28/se-permitir-e-um-ato-de-muita-coragem-diz-estudante-que-mostra-nas-redes-sociais-a-propria-transicao-de-genero.ghtml>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

<sup>22</sup> **Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil.** Jornal da Unesp. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2021/11/12/estudo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-adultos-transgeneros-e-nao-binarios-no-brasil/>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

Este escasseamento na coleta de dados se mostra como reflexo da omissão política e social dessa população e, em se tratando do Censo Demográfico, o conselheiro nacional de saúde, Theodoro Rodrigues Lima, que representa a União Nacional LGBT (UNA-LGBT) no Conselho Nacional de Saúde (CNS), afirma que “a falta de dados configura como mais uma marca da violência. O Brasil continuará por mais dez anos sem conhecer a sua população trans e isso é muito grave. É preciso que o Estado invista em pesquisas, faça um mapeamento e conheça estas pessoas, porque só assim teremos políticas afirmativas e eficazes para este público<sup>23</sup>”.

Nos últimos anos podemos acompanhar, paulatinamente, importantes conquistas da população trans no tocante à visibilidade, mas ainda há muito que avançar na corrida pela garantia dos seus direitos.

Um protesto de combate à violência policial contra pessoas da comunidade LGBTQI+ em um bar nos Estados Unidos em 1969 fez nascer uma data que se transformou em um mês inteiro de celebração ao orgulho de ser LGBTQI+. Não foi a primeira luta, mas uma das mais marcantes e que deu início ao enfrentamento a LGBTfobia. Após 50 anos de luta, com muitos protestos em prol de mais respeito, combate à discriminação e proteção de direitos, deve-se destacar as conquistas dessas cinco décadas, como a garantia do uso do nome social, o reconhecimento de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito federal, a criminalização da discriminação contra pessoas LGBT, e outros avanços importantes (Governo do Tocantins, 2020)<sup>24</sup>.

O Dia Nacional da Visibilidade Trans, celebrado todo dia 29 de janeiro desde o ano de 2004, é uma data que marca a luta e resistência dessa parcela da população que diariamente sofre com a invisibilidade, a violência, a discriminação e que enfrenta dificuldades no acesso aos direitos mais básicos. Durante todo o mês – também conhecido como Janeiro Lilás – associações, instituições e coletivos diversos se engajam pela celebração e pela reafirmação da importância da luta pelos direitos das pessoas trans no Brasil<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Conselho Nacional de Saúde (CNS). “A transfobia adoce e mata. Temos que nos comprometer com a vida”, diz conselheiro de saúde no Dia Nacional da Visibilidade Trans. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2312-a-transfobia-adoece-e-mata-temos-que-nos-comprometer-com-a-vida-diz-conselheiro-de-saude-no-dia-nacional-da-visibilidade-trans>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

<sup>24</sup> GOVERNO DO TOCANTINS. Orgulho LGBTQI+: conheça avanços e direitos conquistados nos últimos 50 anos de luta. Disponível em: <<https://www.to.gov.br/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-avancos-e-direitos-conquistados-nos-ultimos-50-anos-de-luta/62pda25qdud0>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

<sup>25</sup> Jornal da UNESP. **Visibilidade e dignidade trans**. Disponível em: <<https://jornal.unesp.br/2023/01/27/visibilidade-e-dignidade-trans/>>. Acesso em: 18 abr. 2023.

Todos os anos durante o mês de junho comemora-se o Mês do Orgulho LGBTQIAPN+, o qual se enraizou nos protestos conhecidos como a Revolta de Stonewall<sup>26</sup> no dia 28 de junho de 1969, onde os frequentadores do bar Stonewall Inn repudiaram as ações violentas por parte da polícia nos bares gays da região de Manhattan em Nova York e todas as injustiças que a comunidade enfrentava nos Estados Unidos.

Toda essa resistência impulsionada por militantes LGBTQIAPN+ gerou um movimento de protestos e luta pela garantia dos direitos e pela igualdade e desde então junho marca uma época de celebração e defesa dos direitos da população LGBTQIAPN+ e, nesta época ocorrem desfiles e diversos eventos para lembrar e homenagear os fatos ocorridos em Stonewall.

Dentro deste contexto, desde 2018 é realizada no Brasil também a Marcha Trans que acontece anualmente em São Paulo no mês de junho, em sintonia com outros diversos movimentos ao redor do mundo. A Marcha faz parte da programação da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, mas voltada especificamente a população transexual por ser a população mais vulnerabilizada dentro da comunidade.

Segundo o site oficial da Marcha do Orgulho Trans<sup>27</sup>, “com a pequena exposição durante a “Parada Gay” (Parada LGBTQIAPN+) sobre a realidade das travestis, pessoas não binárias, mulheres e homens transgêneros já é possível a formulação de uma justificativa sólida no argumento de que as demandas sociais, culturais, políticas, de direito e de cidadania apresentadas pelos homossexuais, masculinos, brancos, cisgêneros, não alcançam, por vezes, as urgências de pessoas trans.”.

A situação de vulnerabilidade das pessoas trans está entre as mais invisibilizadas no tocante aos debates em torno dos outros grupos da população LGBTQIAPN+, pois, considerando que vivemos num país em que a cultura machista e cisheteronormativa predomina, as demandas trazidas por homens brancos cisgêneros se sobrepõem às vozes da minoria.

---

<sup>26</sup> National Geographic Brasil. **Revolta de Stonewall deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQ+.** Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

<sup>27</sup> **JUSTIFICATIVA: MARCHA DO ORGULHO TRANS DE SÃO PAULO.** Disponível em: <<https://orgulhotrans.com.br/justificativa/>>. Acesso em: 2 jul. 2023.

### 2.3 O “Ser Trans”: Direitos e Conquistas

Garantir os direitos básicos e mudar a realidade do “ser invisível” ainda é desafiador e vem ocorrendo em diversas vertentes. As discussões acerca da diversidade de gênero demandam das instituições uma posição em torno das necessidades de quem não segue a linearidade do padrão “genitália > identidade de gênero”, onde o sexo biológico, atrelado aos órgãos genitais, determina o que é ser homem ou ser mulher.

A sociedade encontra-se em constante mudança e isso ocorre de forma tão rápida e frequente que o que hoje é considerado inédito, em questão de pouco tempo se torna algo ultrapassado. Para Bauman (2001), tais mudanças impedem que a sociedade estacione no tempo. A sociedade está se modernizando, ultrapassando as datas de vencimento e ainda assim rejeitando novas identidades que se formam.

Para que essas mudanças se tornem realidade em suas múltiplas faces é necessária a compreensão do que vem a ser transexualidade por parte dos legisladores. Para que isto ocorra é necessário que haja um reconhecimento do poder legislativo acerca das demandas elencadas pelas militâncias, o que não é um papel fácil em se tratando da sociedade brasileira.

Quanto ao papel do legislativo na garantia dos direitos da população LGBTQIAPN+, Carvalho (2012, p. 77) diz:

A garantia de direitos iguais e a criminalização da homofobia<sup>28</sup> têm projetos de leis sempre postergados em suas votações pelo Congresso Nacional, por pressão de grupos conservadores, representados no legislativo, principalmente pelas chamadas bancadas evangélicas e católicas. Elas vencem, assim, as reivindicações de grupos de defesa dos direitos humanos e cidadania LGBTT e as milhões de pessoas que, anualmente, saem às ruas de diversas cidades brasileiras nas passeatas pelo Orgulho LGBTT, que tem em São Paulo a maior do gênero no mundo (Carvalho, 2012, p. 77).

No que diz respeito à construção da LGBTQIAPN+fobia, Carvalho e Abouid (2022), pontuam que a sua historicização significa ter que lidar com regimes de historicidade que favoreceram para fomentar o imaginário social no qual estão arrimados o heterossexismo, os valores cristãos e outras crenças e imaginários construídos historicamente.

Depreende-se, a partir do citado acima, como as construções sociais heteronormativas afetam a conquista dos direitos da população LGBTQIAPN+ que tanto são reivindicados. De

---

<sup>28</sup> Para Guacira Louro o termo homofobia refere-se ao “medo voltado contra os(as) homossexuais, pode-se expressar numa espécie de ‘terror em relação à perda do gênero’, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher ‘reais’ ou ‘autênticos’” (Louro, 1997, p. 28). Por esta razão, também considerarei o uso do termo para me referir à discriminação direcionada a transexuais.

algumas décadas até os dias atuais, a passos lentos, diversas conquistas marcaram a garantia dos direitos das pessoas trans e o poder legislativo tem uma posição privilegiada neste debate.

Em 2016, foi publicado o Decreto 8.727 que dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas trans no âmbito da administração pública federal, porém, para que a determinação legal seja efetivamente praticada, ainda há que se dedicar muito esforço, fiscalização e punição para os casos de violação.

A alteração do Registro Civil por meios administrativos sem a necessidade da realização de cirurgia de redesignação foi autorizada no Brasil somente em 2018 através do Provimento 73/2018 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), no qual se considera a alteração do nome um direito fundamental, necessitando apenas da vontade da pessoa.

Invisibilidade, exclusão, violências e repressão fazem parte da realidade da população LGBTQIAPN+ que, somados às barreiras de resistência existentes dentro do Poder Legislativo brasileiro, fazem com que as mudanças nas leis para benefício desta população sejam lentas.

Ao voltarmos o olhar para o estado do Tocantins, local da residência do autor da dissertação, destacam-se alguns avanços no campo das políticas públicas em prol da diversidade sexual e de gênero. A Comissão Estadual de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, vinculada à Secretaria Estadual da Cidadania e Justiça (SECIJU) foi criada através do Decreto 4.794, de 2 de maio de 2013, com o objetivo de fomentar ações em favor das diversidades sexual e de gênero, bem como o combate à discriminação e violência direcionadas à população LGBTQIAPN+<sup>29</sup>.

No dia 16 de agosto de 2014, foi publicada a Portaria nº 645 que, sob responsabilidade da Comissão, aprovou o Plano Estadual de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT. O plano estabeleceu diversas ações de fomento, inclusão e garantia dos direitos LGBT no âmbito estadual dentro da Educação, Saúde e Previdência, Assistência Social e Trabalho e Justiça e Segurança.

As matrizes operativas da Portaria incluem ações nas Escolas e Universidades como uso de nome social, parcerias com editoras para elaboração de materiais didáticos, inclusão de disciplinas sobre gênero e diversidade sexual com base no Plano Nacional, capacitação de profissionais em equipes multidisciplinares, dentre outros.

---

<sup>29</sup> Governo do Tocantins, Secretaria de Cidadania e Justiça. **Orgulho LGBTQI+:** conheça avanços e direitos conquistados nos últimos 50 anos de luta. Disponível em: <<https://www.to.gov.br/cidadaniaejustica/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-avancos-e-direitos-conquistados-nos-ultimos-50-anos-de-luta/5edj4wa3bl98>>. Acesso em: 23 abr. 2023.

Quanto à criminalização da LGBTQIAPN+fobia e diante da falta de ação do Congresso Nacional, em 2017 o Superior Tribunal Federal (STF) equiparou a transfobia ao crime de racismo através da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26 (ADO-26) e determina que condutas transfóbicas e homofóbicas se enquadrem como racismo até a edição de uma lei para o tema pelo Congresso Nacional.

Esta foi uma decisão muito importante para combater a LGBTQIAPN+fobia, mas há muito o que avançar para que as punições sejam devidamente aplicadas a quem comete tal crime. Por mais que a sociedade hoje trate de forma mais aberta a questão, vivenciamos uma sociedade conservadora e isso faz com que o debate sobre as políticas públicas para população trans enfrente amplas resistências.

Não podemos ainda deixar de citar a decisão do Superior Tribunal de Justiça (STJ) proferida em 2022, onde foi dado provimento ao recurso do Ministério Público de São Paulo e determinou a aplicação das medidas protetivas da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) em casos de violência contra mulheres transexuais<sup>30</sup>. A decisão do STJ foi inédita e, por sua vez, abre precedentes para que haja o mesmo entendimento para casos da mesma natureza, levando à punição a agressão contra a mulher em virtude do gênero e não do sexo biológico.

Em 13 de março de 2023, o senador Veneziano Vital do Rêgo (MDB-PB) propôs a PL nº 1.082/2023, que estabelece a coleta de dados acerca da população LGBTQIAPN+ de forma obrigatória pelos censos demográficos e demais levantamentos feitos de forma periódica pelo IBGE. No dia 5 de julho de 2023, a Comissão de Direitos Humanos (CDH) do Senado aprovou a PL do senador Veneziano<sup>31</sup>.

Neste contexto, em 9 de outubro de 2023, o IBGE iniciou a coleta da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS) de 2023 que, dentre diversos dados coletados, pela primeira vez, inseriu perguntas sobre identidade de gênero e orientação sexual para entrevistados com 18 anos ou mais<sup>32</sup>. O levantamento, com duração prevista de 4 meses, tem previsão para divulgação dos resultados no quarto trimestre de 2024.

---

<sup>30</sup> Lei Maria da Penha é aplicável à violência contra mulher trans, decide Sexta Turma. Disponível em: <<https://www.stj.jus.br/sites/portalp/Paginas/Comunicacao/Noticias/05042022-Lei-Maria-da-Penha-e-aplicavel-a-violencia-contra-mulher-trans--decide-Sexta-Turma.aspx>>. Acesso em 7 de abr. de 2023.

<sup>31</sup> Agência Senado. IBGE deve coletar dados sobre identidade de gênero, aprova comissão. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/05/ibge-deve-coletar-dados-sobre-identidade-de-genero-aprova-comissao>>. Acesso em: 17 out. 2023.

<sup>32</sup> Agência IBGE Notícias. PNDS vai a campo coletar informações sobre demografia, saúde reprodutiva e nutrição das crianças. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38058-pnds-vai-a-campo-coletar-informacoes-sobre-demografia-saude-reprodutiva-e-nutricao-das-criancas>>. Acesso em: 17 out. 2023.

Assim, notamos que grandes marcos na história da população LGBTQIAPN+ ocorreram, especialmente no tocante às pessoas transexuais, em termos de superação de barreiras e garantia de direitos, mas ainda há um longo caminho pela frente. O que vemos é que grande parte das conquistas não foram alcançadas a partir do legislativo, mas dos poderes executivo e judiciário. Isto não é nada mais que o retrato do conservadorismo que ainda predomina no Brasil e que forma bancada dentro das casas de leis, levando à morosidade em todo processo de aprovação para garantia dos direitos aos LGBTQIAPN+.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

O objetivo do presente capítulo é apresentar o percurso metodológico da dissertação, sendo expostas todas as razões que levaram à escolha das técnicas e procedimentos adotados. O percurso é composto pelo: tipo de pesquisa, objeto da pesquisa, instrumento de coleta de dados e procedimento para análise de dados. Segundo Bruyne (1991), a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento, não se reduz, portanto, uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos.

A pesquisa está fundamentada em abordagem qualitativa, que tem como característica principal o aprofundamento focado em características subjetivas, naquilo que não pode ser mensurado ou quantificado. A pesquisa qualitativa é entendida como uma “expressão genérica”, pois ela compreende atividades ou investigação que podem ser denominadas específicas. Ela trabalha seus dados buscando seu significado, buscando uma percepção da individualidade e os significados múltiplos (Triviños, 1987; Gil, 1999).

A preocupação com o processo tem maior importância que com o produto e o interesse do pesquisador ao desenvolver o estudo acerca de um problema é saber a maneira que este se manifesta nos procedimentos, atividades e nas interações. Segundo Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”.

As autoras Marconi e Lakatos (2010), explicam que a pesquisa de abordagem qualitativa é a pesquisa que traz como objetivo analisar e interpretar características mais profundas com foco na descrição de complexidade do comportamento e trazer análise mais detalhada acerca das atitudes, investigações e tendências de comportamento. O foco neste tipo de pesquisa está nos processos e significados.

Quanto ao fim, esta pesquisa é do tipo exploratória, que consiste em uma familiarização com o tema estudado. Para Gil (1999), a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. Assim sendo, a pesquisa exploratória foi escolhida, pois visa proporcionar maior familiaridade com o tema através de levantamento bibliográfico e análise de conteúdo.

Assim, os métodos empregados compreendem levantamentos em fontes secundárias (bibliográficas e documental), pois a pesquisa exploratória costuma envolver uma abordagem qualitativa, geralmente caracterizada pela ausência de hipóteses, ou hipóteses pouco definidas (Mattar, 2001; Aaker; Kumar; Day, 2004).

Dentro do objeto central da investigação da dissertação que é refletir sobre as notícias que envolvem pessoas transexuais na sociedade brasileira, o pesquisador utilizou como instrumento de coleta de dados a seleção de notícias que envolviam pessoas transexuais para analisar a qualidade da cobertura jornalística.

O recorte temporal da coleta de notícias foi o período compreendido de janeiro de 2022 a março de 2023, período em que foi constatado a partir de busca direta no Google por notícias com as palavras-chave “trans”, “transexual” e “transexuais”, um volume significativo de notícias o que tornou viável o desenvolvimento da pesquisa como veremos a seguir.

A promoção da discussão acerca do papel do jornalismo na cobertura dos assuntos que envolvem a população trans exigiu uma revisão da literatura que focou nos temas gênero, transexualidade, discriminação e transfobia e mídia e jornalismo a partir de autores como Jesus (2012), Butler (2003), Hall (2013), Carvalho (2012), Bento (2017) e Saffioti (1992).

Além das autoras e autores citados também foi efetuada busca de Teses e Dissertações nos repositórios da CAPES, Scielo e Banco Nacional de Teses e Dissertações (BNDT) com abordagem sobre o assunto e aqui destacamos os trabalhos de Lima (2022) intitulado “Violações de direitos humanos pela mídia: uma análise sobre a transfobia nos portais de notícias online do RN e sua representação social”, Morato (2017) intitulado “Os sentidos dos discursos sobre gênero e sexualidade no Facebook: a desigualdade social “curtida” e “compartilhada”” e Veiga Junior (2016) intitulado “O direito de pertencer a si mesmo: a despatologização do transexualismo e sua regulamentação jurídica como um direito fundamental ao gênero”. Os referidos trabalhos forneceram ferramentas analíticas e metodológicas que serviram de inspiração para o desenvolvimento da dissertação.

Após a busca geral no Google por notícias relacionadas à população trans foi observada a ocorrência expressiva de notícias publicadas no portal R7 e portal UOL o que determinou a escolha dos mesmos para o desenvolvimento da pesquisa. Os referidos portais apresentam ampla representatividade na sociedade brasileira, R7 é de propriedade do grupo Record, que tem como dono o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)<sup>33</sup> e o outro, UOL especificamente a Plataforma Universa pertence ao Grupo Folha sendo criado para tratar de temas relacionados à diversidade. Assim a escolha de dois portais distintos para análise das notícias sobre os acontecimentos que envolvem a população trans foi acertada pela possibilidade de alcançar o contraste tendo em vista que um está vinculado a

---

<sup>33</sup> Quem é o dono da Record TV? História da emissora brasileira. Disponível em: <<https://segredosdomundo.r7.com/quem-e-o-dono-da-record-tv/>>. Acesso em 6 de abr. 2023.

um grupo religioso e outro a um conglomerado de empresas de mídia mas que sua plataforma Universa tem como proposta trabalhar a diversidade.

O R7, criado em 2009, é um portal pertencente ao Grupo Record e que possui um olhar com características conservadoras, tendo inclusive sido denunciado por jornalistas em 2018 sob alegação de que o mesmo estava sendo dirigido sob viés político em apoio ao ex-presidente Bolsonaro nas eleições de 2018<sup>34</sup>.

O portal UOL Universa foi lançado no dia 8 de março de 2018 com o intuito de ser um editorial referência no jornalismo e conteúdo voltado ao público feminino<sup>35</sup> e tem em seus canais um exclusivamente voltado a notícias que envolvam o público LGBTQIAP+.

O pesquisador acessou ambos os sites e realizou buscas por meio das palavras “trans”, “transexual” e “transexuais” na aba de buscas dos mesmos, tendo selecionado as notícias compreendidas no período de janeiro de 2022 a março de 2023.

A escolha de portais de notícias tão distintos para execução da pesquisa, nessa direção, possibilitou evidenciar as especificidades das linhas editoriais dos portais na cobertura jornalística sobre a população trans.

O procedimento para análise de dados priorizou a análise de conteúdo a partir do levantamento de três variáveis: fontes ouvidas nas notícias, presença do nome social nas notícias e presença do nome de nascimento nas notícias.

Em um segundo momento as notícias foram tipificadas em duas categorias: notícias que reforçam estereótipos e notícias que apresentam uma perspectiva dos direitos da população trans.

Na categoria “notícias que reforçam estereótipos” foram agrupadas notícias que se referem às pessoas trans pelo nome do registro de nascimento ou que não as tratam pelo nome social, que tratam de forma a diminuir as conquistas e as que não utilizam pessoas trans como fonte de informação para veiculação das informações.

Na categoria “notícias que apresentam uma perspectiva dos direitos da população trans” foram reunidas notícias que destacaram primeiramente o tratamento pelo nome social e não citaram o nome de nascimento em seu conteúdo, notícias que deram devida notoriedade

---

<sup>34</sup> Record amplia visibilidade de Bolsonaro e evita críticas ao presidencialismo. Folha de S. Paulo. Grupo Folha. 26 de outubro de 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/record-amplia-visibilidade-de-bolsonaro-e- evita-criticas-ao-presidencialismo.shtml>>. Acesso em: 24 de março de 2023.

<sup>35</sup> UOL apresenta Universa, sua nova plataforma feminina. Sobre UOL. 08 de março de 2018. Disponível em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/uol-apresenta-universa-sua-nova-plataforma-feminina.html>>. Acesso em: 24 de março de 2023.

às conquistas, que usaram como fonte as próprias pessoas trans e ativistas da causa e organizações voltadas aos direitos da população transexual.

Assim depois que as notícias foram divididas por categorias, as mesmas foram interpretadas a partir da análise de conteúdo com o objetivo de identificar a forma que a linguagem jornalística trata as pessoas trans envolvidas nas notícias.

A análise de conteúdo não é uma abordagem nova. Krippendorff (2012) explica que há três características que distinguem a abordagem “contemporânea” da análise de conteúdo de outras formas de estudo. A primeira delas é sua fundamentação empírica, que privilegia especialmente os textos, procurando compreender seu sentido para os atores sociais. A segunda é a transcendência das noções de símbolo, conteúdo e intenções. Krippendorff explica que é preciso enfatizar mensagens, canais, comunicações e sistemas. O terceiro elemento é o desenvolvimento metodológico, que teria características um pouco diferenciadas, como o foco em grandes conjuntos de dados e contextos mais amplos e complexos. A análise de conteúdo, assim, é uma técnica de pesquisa para construir “inferências” a partir de textos para seus contextos de uso (Krippendorff, 2012, p.24).

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (Bardin, 1977).

Segundo Bauer (2010), os processos sintáticos têm seu enfoque nos vetores de sinais e suas relações. A sintaxe tem como objetivo descrever as formas de expressão e ação, a forma que algo é dito ou escrito.

Após a análise de conteúdo com foco nas categorias o pesquisador procedeu a análise das notícias a partir da perspectiva de direitos humanos para evidenciar se as notícias reconhecem ou discriminam a população trans em sua abordagem destacando a forma como dos atores envolvidos são retratados, bem como o contexto em que estão inseridos e narrados os fatos.

Lima (2022) diz que discutir a mídia como integrante de violências simbólicas em rede é compreender que a sociedade e suas relações precisam ser transformadas e que assumir este problema e enfrentá-lo é uma tarefa necessária, apesar de não ser fácil.

A amostragem de notícias que constitui o corpus da presente dissertação é composta por 63 notícias que, conforme destacado, foram coletadas do portal R7 e portal UOL Universa, conforme tabela a seguir.

#### 4 TABELA DAS NOTÍCIAS

A tabela a seguir apresenta as notícias selecionadas sobre as pessoas trans no recorte temporal delimitado para a pesquisa nos dois portais de notícia UOL e R7.

<b>Nº</b>	<b>TÍTULO DA NOTÍCIA</b>	<b>DATA DA PUBLICAÇÃO</b>	<b>PORTAL</b>
1	'Não sou mulher nem homem. Sou travesti': entenda identidade de Linn do BBB	24/01/2022	UOL
2	Primeira princesa trans do Carnaval de São Paulo é morta a facadas	04/03/2022	R7
3	'Estamos vivos!': nas redes, pessoas trans geram corrente por saúde mental	19/03/2022	UOL
4	Quem é Laverne Cox, atriz trans que comandará o tapete vermelho do Oscar	27/03/2022	UOL
5	Ariana Grande faz doação de UR\$ 1,5 milhão para combater legislação antitransgênero	02/04/2022	R7
6	Mulher trans é morta a tiros ao sair para fazer programa na Serra	04/04/2022	R7
7	STJ permite aplicação da Lei Maria da Penha para mulheres trans	06/04/2022	R7
8	Ex-reality, homem trans posa para fotos grávido: "Papai está ansioso"	08/04/2022	R7
9	Estados americanos tentam vetar crianças trans em esportes femininos	10/04/2022	UOL
10	Eleições: Brasil pode ter 1ª trans no Congresso; por que isso é importante?	12/04/2022	UOL

11	<b>Mulher trans é morta a facadas pelo companheiro em BH</b>	21/04/2022	R7
12	<b>Justiça condena ambulante que esfaqueou e jogou transexual de prédio no centro de SP</b>	25/04/2022	R7
13	<b>Influencer trans de beleza com 1 milhão de seguidores: 'Me sinto acolhida'</b>	05/05/2022	UOL
14	<b>Um ano e meio após crime, acontece julgamento de suspeito matar transexual</b>	05/05/2022	R7
15	<b>Mulher trans morre após ser agredida e atropelada em BH</b>	18/05/2022	R7
16	<b>Mulher trans morre após ser jogada de carro, agredida e atropelada em BH</b>	18/05/2022	R7
17	<b>'Me senti humana': empresa ajuda funcionários trans a mudarem nome</b>	19/05/2022	UOL
18	<b>Quem é Gisberta, brasileira ícone LGBT em Portugal que dará nome à rua</b>	21/05/2022	UOL
19	<b>'Sou uma mulher trans, tenho que me alistar?' Entenda a lei</b>	25/05/2022	UOL
20	<b>Casal trans engravida, tem filha e elogia o SUS: 'Profissionais treinados'</b>	28/05/2022	UOL
21	<b>Marcas de moda ampliam inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho</b>	01/06/2022	UOL
22	<b>Mulheres trans podem, sim, amamentar: 'Capazes de tudo'</b>	10/06/2022	UOL

23	<b>Homem joga água e ataca mulher trans com vários socos em SP</b>	10/06/2022	R7
24	<b>Camila Montovani é considerada uma das modelos transgênero mais linda do Brasil lançará sua biografia</b>	16/06/2022	R7
25	<b>Polícia investiga agressão a mulher trans em Leopoldina (MG)</b>	17/06/2022	R7
26	<b>Análise: documentário polêmico revela uso da causa trans para lucrar alto</b>	18/06/2022	R7
27	<b>Mulher transexual é encontrada morta em São Sebastião, no DF</b>	23/06/2022	R7
28	<b>'Ataques me dão mais força', diz vereadora trans ameaçada de morte no RJ</b>	25/06/2022	UOL
29	<b>'Criei calcinhas para trans ao ver mulher morrer por não ir ao banheiro'</b>	30/06/2022	UOL
30	<b>Rejeitada pelo pai, Janaína, mulher trans, o perdoou: 'Só queria seu amor'</b>	30/06/2022	UOL
31	<b>'Perdi meu filho para a depressão e hoje acolho trans e suas famílias'</b>	06/07/2022	UOL
32	<b>'Libera meu xixi': campanha quer que STF julgue uso de banheiros por trans</b>	09/07/2022	UOL
33	<b>Ele passou por transição de gênero no islã: 'Floresci quando tirei o lenço'</b>	13/07/2022	UOL
34	<b>Mundo capota e homem concorre ao prêmio 'Mulher do Ano'</b>	16/07/2022	R7
35	<b>Atriz trans de filme de Billy Porter: 'Não sou corajosa, sou apenas eu'</b>	19/07/2022	UOL
36	<b>Após anos excluído do futebol, ele voltou a jogar em time de pessoas trans</b>	20/07/2022	UOL

37	<b>Homem é preso suspeito de matar mulher trans a facadas em Ceilândia</b>	02/08/2022	R7
38	<b>O que é transexual? Existe alguma diferença para travesti?</b>	04/08/2022	UOL
39	<b>Modelo trans denuncia agressão e abuso sexual de motorista de aplicativo</b>	17/08/2022	UOL
40	<b>Vereadora trans sequestrada no ES é encontrada em cativo e dois suspeitos são presos</b>	23/08/2022	R7
41	<b>Mulher trans é acusada de planejar morte do melhor amigo e usar sua identidade</b>	01/09/2022	R7
42	<b>Conheça Ines Rau, modelo trans apontada como namorada de Mbappé</b>	01/09/2022	R7
43	<b>Moradora de rua é presa por emprestar conta a sequestradores de ganhador da Mega-Sena</b>	18/09/2022	R7
44	<b>Mulher trans tem matrícula negada em academia para mulheres: 'Desrespeito'</b>	06/10/2022	UOL
45	<b>Erika Hilton e Duda Salabert no Congresso: o que querem as deputadas trans</b>	06/10/2022	UOL
46	<b>Ela não vai para Copa por medo de transfobia: 'Não arriscaria a minha vida'</b>	23/10/2022	UOL
47	<b>'Não dá para esperar bom senso dos colegas': lições da 1ª executiva trans</b>	24/10/2022	UOL
48	<b>Por que entidades LGBTQIA+ querem barrar o novo RG: 'É uma humilhação'</b>	27/10/2022	UOL
49	<b>Como homens trans podem evitar gravidez? Prós e contras de cada método</b>	28/10/2022	UOL
50	<b>Valentina Mathias Miss T World participa da escolha da mais bela trans da França</b>	31/10/2022	R7
51	<b>'Não sei explicar, estou diferente': como é a menopausa para homens trans</b>	01/11/2022	UOL

52	<b>Podcast <i>Arquivo Vivo</i>: Trans mata amigo e assume a identidade dele   Ep. 62</b>	04/11/2022	R7
53	<b>'Sou trans e policial; ao retificar gênero, fui recebida com abraços na PM'</b>	17/11/2022	UOL
54	<b>Grammy Latino: Liniker vence premiação e faz história</b>	17/11/2022	R7
55	<b>É crime ser gay no Qatar? Pode levar à prisão? Entenda lei do país da Copa</b>	18/11/2022	UOL
56	<b>Boca Rosa vive affair com modelo trans Sam Porto</b>	19/11/2022	R7
57	<b>'Vivo com HIV há quase 13 anos. Resultado positivo não é o fim</b>	01/12/2022	UOL
58	<b>Grupo de homens espanca mulher trans em condomínio de BH</b>	27/12/2022	R7
59	<b>'Fugimos de algo muito cruel': as famílias que buscam vida melhor para filhos trans em outros Estados dos EUA</b>	11/01/2023	UOL
60	<b>Irmão de Fred, do BBB 23, é uma pessoa trans não binária; entenda o termo</b>	26/01/2023	UOL
61	<b>TJMG define que o deputado Nikolas Ferreira responderá por injúria racial</b>	08/02/2023	R7
62	<b>Especialista fala sobre gravidez de homens transgêneros</b>	23/02/2023	R7
63	<b>MP denuncia por feminicídio homem que matou transexual a facadas em Porto Ferreira</b>	23/02/2023	R7

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme destacado na tabela, foram 63 notícias publicadas, sendo 29 no R7 e 34 no portal UOL. As notícias coletadas, em sua maioria, tratam do contexto acerca de violências

direcionadas às pessoas trans, sendo algumas motivadas por ódio, o que apresenta relação direta com as estatísticas da violência contra as pessoas trans apresentadas anteriormente.

Em seguida pôde-se observar um número considerável de notícias que tratam de conquistas obtidas, bem como breves relatos biográficos e de história de vida, em sua predominância presentes no portal UOL Universa. No capítulo a seguir será efetuada a análise das notícias.

## 5 COBERTURA JORNALÍSTICA DA POPULAÇÃO TRANS

Para muitos, um fato noticiado reflete uma transcrição do real e há ainda a linha em defesa de que o jornalismo é o reflexo do que é a realidade e outra que contradiz essa linha ao pensar que existe ali o jornalista, que é quem está em contato com os fatos e técnicas para apurá-los e sua subjetividade está implícita no processo da construção da notícia.

Segundo Pierre Bourdieu (1993), em torno de uma palavra surge um discurso baseado em pressuposições cognitivas e conceitos normativos, de forma que ela toma uma existência objetiva. Assim, entende-se que cabe ao jornalista reunir os fatos e, depois de reunidos, dar-lhes sentido.

Na concepção de Correia (2005, p. 134), “por detrás do olhar do jornalista existe de certa forma uma grelha tipificadora que constitui o seu auxiliar precioso no esforço de conferir uma certa ordem e sentido à realidade”. A partir desta ideia, depreendemos que o jornalismo tem o papel de intermediar sentidos, estruturando-se em códigos, realizando a leitura do real para então estabelecer a comunicação ao receptor. Os atores ali envolvidos então agem baseados nas interpretações a eles atribuídas.

A atriz transexual norte-americana Laverne Cox, um dos maiores ícones da representatividade trans com 6,6 milhões de seguidores em sua conta do Instagram<sup>36</sup>, teceu críticas à maneira que a imprensa aborda e trata artistas transexuais, geralmente numa forma invasiva, desumana e objetiva, tudo com fins sensacionalistas<sup>37</sup>.

Dentre as falas da atriz em entrevista<sup>38</sup> para o *New York Post* destacamos “É o momento ideal para começar a falar de um jeito diferente sobre a galera trans. A maior parte dos trans são citados na televisão ou quando vamos em *talk shows*”, “as perguntas são bem invasivas, objetivas e desumanas, na minha opinião, isso é muito sensacionalista”.

Segundo Freire Filho (2004, p. 47), os meios de comunicação de massa são responsáveis pela difusão e legitimação dos rótulos, colaborando decisivamente, deste modo,

<sup>36</sup> Conta do Instagram. **Laverne Cox**. Disponível em: <<https://instagram.com/lavernecox?igshid=NTc4MTIwNjQ2YQ==>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

<sup>37</sup> MENEZES, Matheus Henrique. **Laverne Cox tece duras críticas ao jeito que a imprensa trata artistas transexuais**. Disponível em: <<https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/laverne-cox-tece-duras-criticas-ao-jeito-que-a-imprensa-trata-artistas-transexuais>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

<sup>38</sup> NYP. **Stream It Or Skip It: ‘Disclosure’ on Netflix, an Essential Documentary About Transgender Representation in TV and Film**. Disponível em: [https://decider.com/2020/06/19/disclosure-on-netflix-stream-it-or-skip-it/?\\_gl=1\\*pt5515\\*\\_ga\\*MTY2MDE1NzIwNS4xNjg5MTgzNzYz\\*\\_ga\\_0DZ7LHF5PZ\\*MTY5MTAwNDM1My4yLjEuMTY5MTAwNDM1NC4wLjAuMA..&\\_ga=2.92852637.1031270470.1691004342-1660157205.1689183763](https://decider.com/2020/06/19/disclosure-on-netflix-stream-it-or-skip-it/?_gl=1*pt5515*_ga*MTY2MDE1NzIwNS4xNjg5MTgzNzYz*_ga_0DZ7LHF5PZ*MTY5MTAwNDM1My4yLjEuMTY5MTAwNDM1NC4wLjAuMA..&_ga=2.92852637.1031270470.1691004342-1660157205.1689183763)>. Acesso em: 27 jul. 2023.

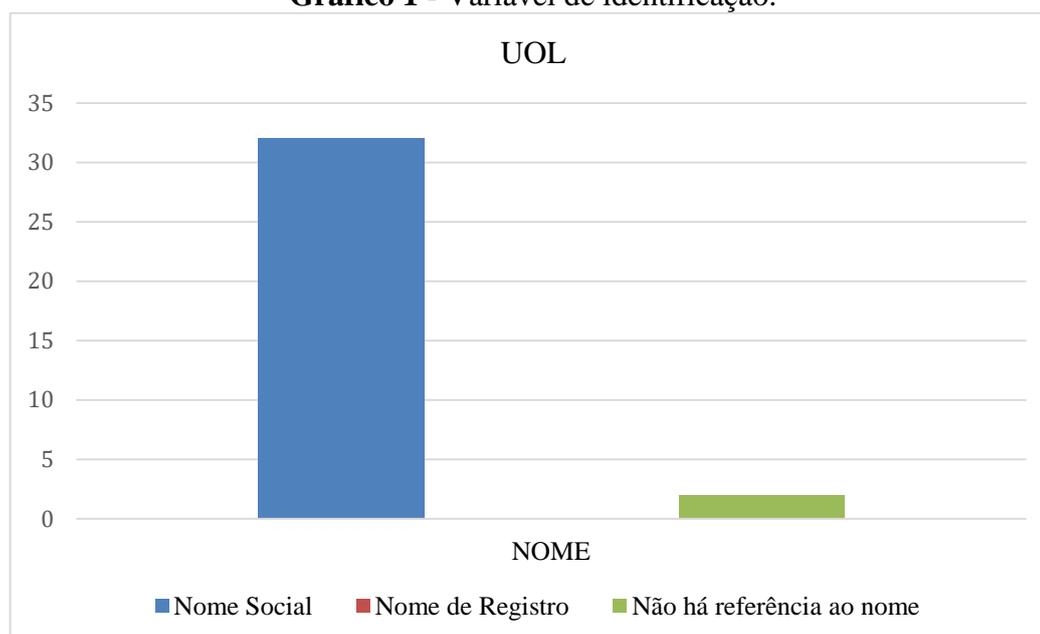
para a disseminação de preconceitos acerca das minorias e no que se refere a população trans, objeto de estudo da dissertação, não é algo distinto.

As violações dos direitos humanos na mídia no tocante à população transexual é uma realidade marcada por elementos sensacionalistas e banalização deste público. Para Marcondes Filho (1986), o sensacionalismo é definido como o grau mais radical da comercialização da informação: tudo que se vende é aparência e, na verdade, vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete.

Analisar de maneira crítica o conteúdo das notícias veiculadas nos portais selecionados nos permitiu compreender em que medida o conteúdo viola ou não os direitos das pessoas às quais as notícias se referem, se amenizam a cultura da transfobia. O “desvalor” da notícia é aliado ao “desvalor” dos sujeitos violados? Isso se presta “básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas” (Angrimani, 1986, p. 15).

A seguir será apresentada a análise de conteúdo e da perspectiva dos direitos humanos da população trans nas 64 notícias que foram selecionadas para o estudo. As notícias versaram sobre os mais distintos assuntos como: maternidade/paternidade para as pessoas trans, pessoas trans em modalidade esportiva, acolhimento de pessoas trans e familiares e pessoas trans na política.

Para análise das notícias foram criadas variáveis de identificação e categorias conforme destacado no Capítulo dos Procedimentos Metodológicos. Nos Gráficos 1 e 2 serão apresentados os dados das notícias do portal UOL Universa quanto as variáveis presença do nome social/nome de nascimento e fontes ouvidas e na sequência a análise por categoria. Já nos Gráficos 3 e 4 serão apresentados os dados das notícias do portal R7 quanto as variáveis presença do nome social/nome de nascimento e fontes ouvidas e na sequência também será apresentado uma árvore dos dados de ambos os portais por variáveis e categorias.

**Gráfico 1 - Variável de identificação.**

Fonte: elaborado pelo autor

Do total de notícias coletadas no Portal UOL Universa (34), nas variáveis “nome social”, “nome de nascimento” e “não há referência ao nome”, ficou constatado um total de 32 notícias em que as pessoas envolvidas foram tratadas pelo nome social, o que representa um percentual aproximado de 94%, e 2 notícias não fizeram referências ao nome das pessoas, perfazendo aproximadamente 6%. Os dados levantados nas narrativas jornalísticas do Portal Universa podem ser considerados positivos tendo em vista que adotam uma perspectiva de direitos humanos ao reconhecer o nome social das pessoas trans nas notícias o que fortalece a narrativa de reconhecimento de direitos desta população.

Com relação a presença de nome de registro/nascimento nas notícias não foi identificada essa presença. Este dado é considerado positivo, pois em nenhuma das notícias houve desrespeito ao nome social e, conseqüentemente, não reforçou estereótipos no que concerne às pessoas transexuais.

A autodeclaração é um mecanismo de afirmação da própria identidade e o reconhecimento dela nas notícias permite que pessoas trans possam viver suas vidas em igualdade as demais pessoas, o que resulta no combate ao tratamento discriminatório e estigmatizante da sociedade que não deve ser reforçado pelos meios de comunicação que contribuem para socialização dos indivíduos na sociedade.

Em notícia veiculada no dia 6 de outubro de 2022, por exemplo, em que destacava a eleição das deputadas Erika Hilton e Duda Salabert, mulheres trans, no ano de 2022, em todo o texto da notícia o nome social foi referenciado trazendo um breve relato sobre a caminhada

política de ambas. “Erika Hilton (PSOL-SP) é a primeira deputada federal travesti na Câmara dos Deputados. Eleita com 256.903 votos, foi a nona candidata mais votada do estado” (UOL, 2022). Na mesma notícia em questão, observa-se outra referência à deputada Erika. Vejamos:

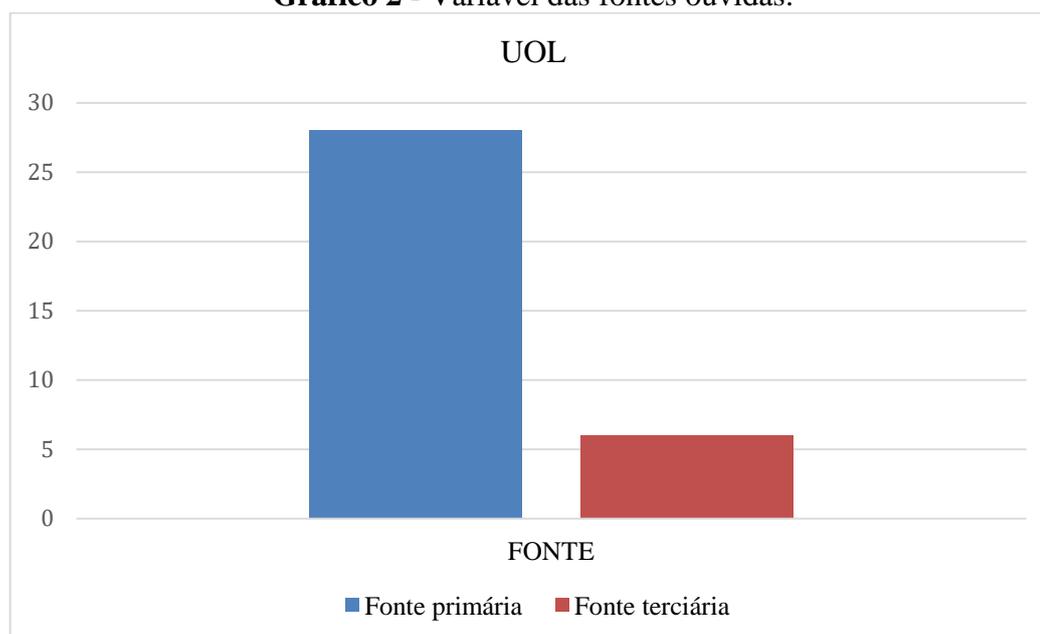
Quando era vereadora, Erika presidia a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Vereadores de São Paulo. Propôs pautas projetos que versavam sobre a Ao lado de seus pares, trabalhou em projetos que previam reurbanização de regiões informais da cidade, instituição de um fundo de combate à fome, passando por protocolos de vacinação para quem sem recusasse a tomar vacina de uma marca específica (UOL, 6 out. 2022).

Em outro trecho, a deputada Duda Salabert relatou ao portal que “a democracia pressupõe não só a diversidade partidária e ideológica, mas uma diversidade de corpos e identidades. A gente acaba ampliando o conteúdo democrático do Brasil” (UOL, 2022).

O fato de não relacionar a pessoa trans ao seu nome de registro de nascimento é considerado um dado positivo, pois o nome social das pessoas transexuais é um direito concernente à dignidade da pessoa humana e deve ser incorporado na sociedade, pois é através dele que há notoriedade quanto à identidade de gênero dessas pessoas.

A seguir, o Gráfico 2 os dados das fontes ouvidas pelo Portal UOL Universa será apresentado, sendo classificadas como fonte primária as notícias em que foram ouvidas pessoas transexuais envolvidas no contexto e como terciárias as que tiveram como fonte de coleta terceiros.

**Gráfico 2 - Variável das fontes ouvidas.**



**Fonte:** elaborado pelo autor.

Como se pode extrair do ilustrado no gráfico acima, no Portal UOL Universa, das 34 notícias coletadas, 28 as fontes foram primárias e 6 as fontes foram terciárias, sendo um percentual de 82% e 18%, respectivamente.

Tal dado é considerado um ponto positivo, pois assim podemos concluir que, na maioria das notícias veiculadas, as pessoas transexuais foram ouvidas; nessa perspectiva podemos considerar que há inclusão e uma visão de reconhecimento em relação à população trans.

Ter direito de falar e de ser ouvido é um princípio básico da Constituição Brasileira com a igualdade. Garantir a igualdade, de fato, implica garantir que as pessoas possam expressar suas opiniões e, na presente pesquisa, a relato da situação que ocorre com as próprias pessoas trans por elas próprias nas notícias é um caminho para o reconhecimento.

Para Corbo (2017) o paradigma do reconhecimento afirma que as injustiças dizem respeito às relações intersubjetivas e/ ou institucionais que reproduzem mecanismos de opressão e dominação contra determinados grupos, negando-lhes o reconhecimento necessário ao desenvolvimento de suas habilidades e à busca por autorrealização individual.

Dentre os motivos da importância de ouvir as pessoas trans em notícias que as envolvem, podemos citar que elas são as principais envolvidas e afetadas pelos fatos que as envolvem no que tange a saúde, educação, mercado de trabalho, segurança, cidadania, etc., bem como como seus saberes e vivências ajudam a enriquecer o conhecimento acerca de vários recortes sociais como de gênero, identidade, política, cultura, dentre outros. Pessoas transexuais fazem parte da diversidade e ouvi-las é uma forma de promover o conhecimento da sociedade, promovendo assim a tolerância, a empatia e a aceitação das diferenças entre os indivíduos<sup>39</sup>.

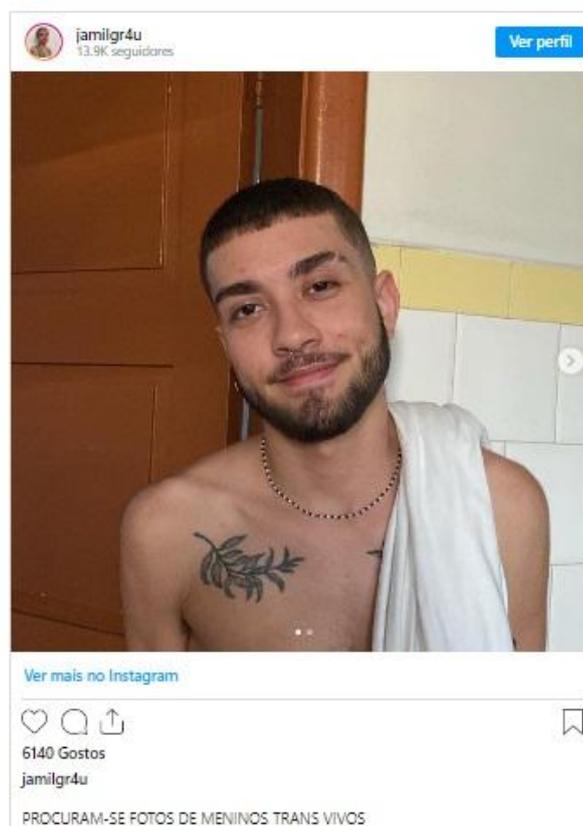
Em notícia veiculada no portal em 19 de março de 2022, intitulada “'Estamos vivos!': nas redes, pessoas trans geram corrente por saúde mental”, relata um movimento organizado por homens transexuais após a morte de um policial trans, iniciado pelo psicólogo e ativista, Jamil Ribeiro, no qual ele postou uma foto sorridente com a legenda "Procuram-se fotos de meninos trans vivos”.

---

<sup>39</sup> UNAIDS. **Mais de 90% da população trans já sofreu discriminação na vida**. Disponível em: <<https://unaid.org.br/2020/01/mais-de-90-da-populacao-trans-ja-sofreu-discriminacao-na-vida/>>. Acesso em 5 jan. 2024.

**Figura 01** – Print de Notícia em rede social (Instagram).

'Procuram-se homens trans vivos': repercussão



**Fonte:** Jamil, **Procuram-se Homens Trans vivos: Repercussão**. Piauí, 15 de março de 2022.

JAMILGR4U. Disponível em; [https://www.instagram.com/p/CbJBOWyrgex/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CbJBOWyrgex/?img_index=1). Acessado em 15, out. 2023.

Na entrevista para o portal, o psicólogo relatou que a foto se tratava de um protesto, pois pessoas transexuais não querem ser sempre resistência e acrescentou algumas falas: “Quando vi muitos meninos publicando as fotos deles, me lembrei do início do meu processo de transição também. Foi uma ação de visibilidade que partiu da gente, como sempre partiu. Até porque o que sempre parte das pessoas cis é a violência contra nós [...]. Pessoas trans não se suicidam, mas são suicidadas”.

A inclusão da fala de pessoas trans nas notícias promove a melhoria da cobertura jornalística, pois fomenta a ética e a representatividade das questões que envolvem esta população. Assim, fica ressaltada a importância de elas serem ouvidas em assuntos que tratam acerca de suas vivências e experiências. Ainda sobre a mesma notícia cabe destacar que ao final da narrativa jornalística há uma informação de utilidade pública:

Caso você esteja sentindo angústia, ansiedade e solidão e perceba ideias suicidas, procure ajuda especializada como o CVV (Centro de Valorização da Vida) e os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) da sua cidade. O CVV funciona 24 horas por dia (inclusive em feriados) pelo telefone 188, e também atende por e-mail, chat e pessoalmente. São mais de 120 postos de atendimento em todo o Brasil. O Mapa Saúde Mental também disponibiliza uma lista de atendimentos psicológico e psiquiátrico, gratuitos, em todo o Brasil, online ou presencial.<sup>40</sup>

Informações que atuam diretamente na prevenção de suicídios da população trans e na divulgação das políticas públicas como os Centros de Atenção Psicossocial são de grande relevância e poderiam ter sido colocadas em um número mais amplo de notícias.

No que se refere a identificação das notícias do Plataforma Universal por categoria, observa-se que nenhuma notícia foi enquadrada na categoria “notícias que reforçam estereótipos”, pois em nenhuma delas houve desrespeito ao nome social e/ou identidade de gênero, sendo todas as 31 notícias enquadradas na categoria “notícias que apresentam uma perspectiva dos direitos da população trans”. A seguir, para ilustrar, destacamos trechos das notícias enquadradas na categoria e procedemos a análise na perspectiva dos direitos humanos.

Em notícia do dia 12 de abril de 2022 com o título “Eleições: Brasil pode ter 1ª trans no Congresso; por que isso é importante?”, que noticiava a pré-candidatura a deputada federal de Erica Malunguinho, primeira mulher transexual eleita a deputada estadual em São Paulo, todas as pessoas envolvidas na matéria tiveram seus nomes sociais respeitados, bem como algumas foram ouvidas acerca da importância da ocupação de cadeiras no parlamento nacional.

Em trechos de fala concedida à advogada Amanda Souto Baliza à UOL na notícia acima referenciada, destaca-se narrativa sobre reconhecimento: “A partir dessa convivência diária na Câmara, os outros parlamentares se sensibilizam e passam a respeitar pessoas trans e travestis [...]. À medida que conseguimos eleger mais gente, mais nossas pautas poderão avançar na agenda legislativa” (UOL, 2022).

Em fala da própria pré-candidata, Erica Malunguinho, ao relatar um episódio vivido na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) no qual ela foi ameaçada por outro deputado estadual da casa de ser expulsa do banheiro feminino, ela ressaltou as dificuldades enfrentadas quando do ingresso de transexuais na política: “Desde o primeiro momento em que acenamos

---

<sup>40</sup> 'Estamos vivos': nas redes, pessoas trans geram corrente por saúde mental. Disponível em: [https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/19/estamos-vivos-homens-trans-se-mobilizam-por-visibility-e-saude-mental.htm?cmpid=copiaecola]. Acesso em: 19 set 2022.

possibilidades de ingresso na política institucional os ataques foram constantes, por vezes explícitos e quase sempre presente nas entrelinhas” (UOL, 2022).

Pelo que podemos captar dos trechos extraídos da notícia acima, há uma humanização no conteúdo, que utilizou da abordagem de diversas pessoas trans e ativistas, bem como do respeito ao nome social e identidade de gênero, promovendo a visibilidade e destacando a luta pelos direitos desta população.

Em outra matéria publicada no dia 5 de maio de 2022, intitulada “Influencer trans de beleza com 1 milhão de seguidores: 'Me sinto acolhida'”, é relatada a trajetória da influenciadora de beleza, Gabriela Ádie, que desde os 14 anos posta conteúdos sobre maquiagem em suas redes sociais. Na notícia há várias falas diretas da influenciadora destacando sua trajetória:

"Comecei a me maquiar quando tinha por volta de 14 ou 15 anos. Nessa época, nem pensava em transicionar. Eu era uma pessoa bem artística, dançava balé e gostava de me expressar com a maquiagem. Comecei a postar meus vídeos no Instagram antes da transição” (UOL, 2022).

Na data da publicação, com 19 anos, Gabriela já contava com mais de um milhão de seguidores na rede Tik Tok e contou ao portal um pouco da sua trajetória, desde quando iniciou sua carreira ainda como um menino, até o período do seu reconhecimento enquanto mulher trans e o processo de transição.

“Quando cheguei aos 16 anos vi que era algo diferente do que eu imaginava e comecei a sentir desconforto. Não me identificava com meu próprio corpo. Entrei em uma fase depressiva e comecei a fazer acompanhamento. Foi aí que me descobri” (UOL, 2022).

É importante ressaltar a importância da representação de pessoas trans na mídia que, de forma paulatina e recente, as foram incluindo em suas programações sem que, em grande parte, isso fosse feito de forma humorística, debochada ou que legitimasse o preconceito já existente. A referida notícia trata do sucesso de uma pessoa trans o que pode ter impacto positivo perante a sociedade tendo em vista que rompe o “lugar comum” das coberturas jornalísticas sobre as pessoas trans propagadas por mídias sensacionalistas que apenas retratam as pessoas trans em situação de vulnerabilidade e violência. Exemplos positivos podem exercer um papel pedagógico importante para a sociedade.

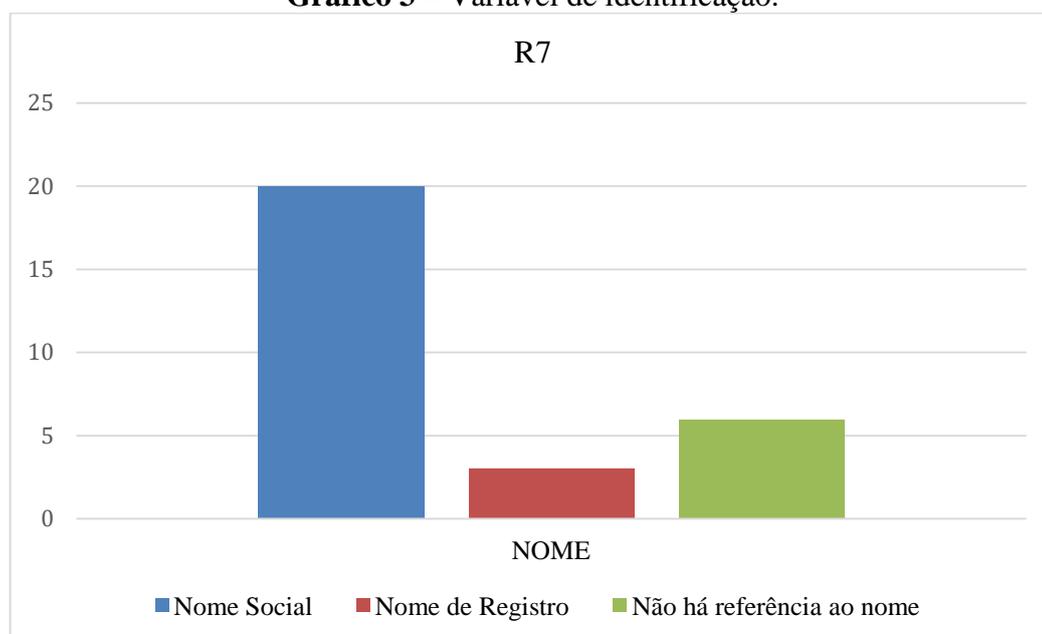
Por mais que a análise das notícias da Plataforma Universa tenha apontado para a presença da perspectiva de direitos da população trans nas narrativas jornalísticas não é possível afirmar que são notícias completas e muito menos, perfeitas. Não podemos concluir que todas as matérias coletadas no portal Universa tiveram aprofundamento nas histórias de

vida das pessoas noticiadas/entrevistadas. Apesar da visão humanitária, as notícias não trouxeram, por exemplo, dados estatísticos sobre a população trans ou até mesmo descreveram os problemas da população trans em uma perspectiva social e cultural.

Diante do exposto acima, foi possível concluir que, apesar de o Universo ter sido criado com a finalidade de ser referência no jornalismo voltado ao público feminino e mesmo tendo um canal pautado em causas LGBTQIAPN+, ainda apresenta uma lacuna para que seja efetivamente considerado um jornalismo pautado nas questões de gênero.

A seguir, serão apresentados os dados separados das notícias coletadas no Portal R7 no que diz respeito às variáveis “presença do nome social/nome de nascimento” e “fontes ouvidas”.

**Gráfico 3 – Variável de identificação.**



**Fonte:** elaborado pelo autor.

No Portal R7 foram coletadas 29 notícias, conforme destacado no gráfico 3, ficou constatado um total de 20 notícias em que as pessoas envolvidas foram tratadas pelo nome social, o que representa um percentual de 69%. Três notícias fizeram referência ao nome do registro de nascimento, representando 10% das notícias coletadas e 6 notícias não fizeram referências ao nome, perfazendo um total de 21%. O dado sugere que as notícias coletadas no Portal R7 contemplaram, em menor escala, uma perspectiva de direitos das pessoas trans quando apenas 63% incluíram o nome social em suas narrativas.

O preconceito é reforçado, podemos considerar, nas 3 notícias que deram destaque ao nome de nascimento que as pessoas transexuais lutam para romper e também nas 6 notícias que não fizeram referência aos nomes, ou seja, a ausência dos nomes nas notícias também pode ser interpretado como descaso e falta de reconhecimento com a subjetividade do ser humano, um tratamento genérico que a narrativa jornalística faz ao generalizar todas pessoas trans omitindo suas trajetórias pessoais e que o nome é um elemento fundamental para distinção.

Em uma notícia do dia 18 de junho de 2022, que tratava sobre a polêmica do lançamento de um documentário do escritor, palestrante e apresentador de um podcast conservador americano, Matt Walsh, com o título “What is a woman?” (O que é uma mulher?), trazia a expressão “ideologia de gênero”<sup>4142</sup> como motor de uma indústria bilionária e um trecho fez referência a um homem trans pelo nome de registro: “Scott nasceu Kellie King, mas depois de viver por décadas como lésbica, aos 42 anos, decidiu que começaria a sua própria transição” (R7, 2023).

A utilização e divulgação do nome de registro de uma pessoa trans reforça a perpetuação de estereótipos e contribui para o aumento dos casos de transfobia. Mesmo sendo um direito dos transgêneros utilizar o nome social, o nome pelo qual se reconhecem, os mesmos ainda passam por certos constrangimentos<sup>43</sup>.

A negação do nome social de uma pessoa trans, na concepção de Bento (2017), trata-se de um processo de invisibilização e de eliminação dessas identidades, que infringem as normas sociais de gênero. As identidades de gênero das pessoas trans e travestis não recebem legitimidade, uma vez que seus nomes sociais são negados e seus nomes de nascimento são expostos, resultando em mais violência contra elas. Para Tavares (2021)

A discriminação e o preconceito sociocultural ocorrem desde cedo e muitas vezes permeiam os núcleos familiares de pessoas trans, dificultando relações familiares, escolares e demais relações sociais em geral. Assim, o acesso tanto a uma formação escolar completa quanto ao conhecimento sobre seus próprios direitos básicos é

<sup>41</sup> Ressalto aqui que o termo foi usado da forma em que foi expressado na matéria em questão, mas trata-se de um termo incorreto. O gênero, conforme já explicitado ao longo do presente estudo, não se trata de uma ideologia, mas sim da identidade da pessoa, sendo então a forma como a pessoa se percebe e deseja ser percebida pelos demais. Quando falamos da identidade de gênero, tratamos da relação entre o sexo biológico e a autopercepção da pessoa.

<sup>42</sup> Conforme a “Cartilha Livres & Iguais”, que apresenta orientações para que governos, meios de comunicação e o próprio público leitor do material possam garantir os direitos da população trans, a identidade de gênero diz respeito à vivência pessoal de alguém em relação ao seu próprio gênero. ONU. **Nota Informativa**. Disponível em: <[https://unfe.org/system/unfe-91-Portugese\\_TransFact\\_FINAL.pdf?platform=hootsuite](https://unfe.org/system/unfe-91-Portugese_TransFact_FINAL.pdf?platform=hootsuite)>. Acesso em: 15 jan. 2024.

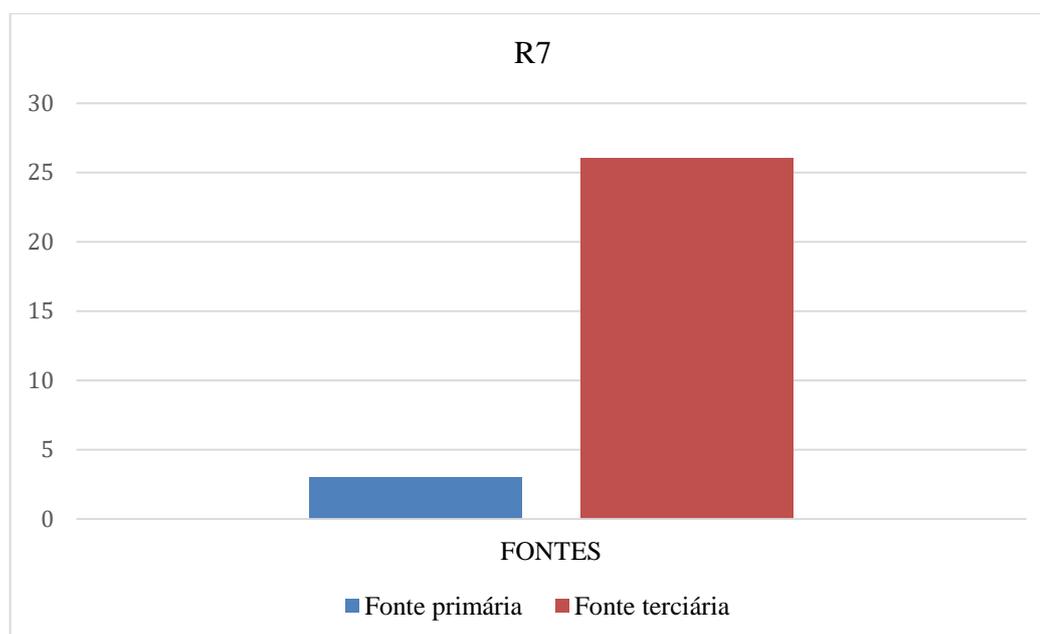
<sup>43</sup> SILVA, Isabela Ronchi. **O nome social e a pessoa transexual/transgênero**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/90662/o-nome-social-e-a-pessoa-transexual-transgenero>>. Acesso em: 4 jan. 2024.

impedido ou obstaculizado, resultando em situações de vulnerabilidade extrema (Tavares, 2021, p. 19).

Nessa direção, na medida em que as notícias silenciam a existência das pessoas trans por meio do apagamento de seus nomes nas narrativas reforçam a vulnerabilidade das pessoas trans que é lapidada ao longo de suas existências, principalmente quando iniciam o processo de transição. Na análise geral das notícias coletadas do Portal R7 não podemos desconsiderar a possível influência da linha editorial do veículo sobre a construção das notícias. E aqui levantamos o questionamento sobre a relação entre a propriedade do veículo de comunicação que pertence ao Grupo Record que tem entre os seus fundadores o bispo Edir Macedo da Igreja Universal conhecido nacionalmente pelas posições conservadoras. Para ilustrar destacamos trecho do discurso realizado na Rede Record pelo bispo no natal de 2022 que comparou quem não é heterossexual com criminosos. “Ninguém nasce ladrão, ninguém nasce bandido, ninguém nasce homossexual ou lésbica”<sup>44</sup>. Nesse sentido é possível aferir que a ausência de uma perspectiva de direitos em um percentual considerável das notícias (10% + 21%) pode refletir o posicionamento de uma visão de mundo conservadora que não reconhece o direito à diversidade. Por outro lado é preciso considerar que mesmo em um veículo de notícias de propriedade religiosa a presença do nome social em 20 notícias merece destaque positivo. No tocante a variável “fontes ouvidas”, segue abaixo o Gráfico 4 com dados das notícias do R7:

---

<sup>44</sup> ONG pelos direitos LGBTQIA+ repudia fala de Edir Macedo. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/ong-pelos-direitos-lgbtqia-repudia-fala-de-edir-macedo>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

**Gráfico 4** – Variável das fontes ouvidas.

**Fonte:** elaborado pelo autor.

Em relação às fontes ouvidas na coleta de informações, o R7 teve em sua maioria fontes terciárias, como uso de dados obtidos da polícia, de familiares ou mesmo de populares que estiveram presentes no ocorrido. Das 29 notícias coletadas, 26 utilizaram de fontes terciárias, o que representa aproximadamente 90% das notícias. Como fonte primária, 3 notícias foram ouvidas pessoas trans, sendo um percentual de aproximadamente 10% das notícias.

O dado chama atenção quando comparado ao mesmo dado das fontes das notícias coletadas na Plataforma Universa que se destacaram pelo amplo espaço da narrativa concedido as pessoas trans como fontes.

O Portal R7, conforme destacado no gráfico não deu espaço para a narrativa das pessoas trans em suas notícias o que, mais uma vez, reforça a ausência de uma perspectiva de direitos na narrativa jornalística. A reflexão a ser levantada é que ao priorizar fontes terciárias, especialmente fontes policiais e desconsiderar as pessoas trans como fonte, as notícias coletadas do R7 tratam a questão das pessoas trans como questão policial, esse tipo de abordagem não contribui para humanizar a vulnerabilidade que as pessoas trans vivenciam em seu cotidiano.

Em notícia do dia 21 de abril de 2022, o portal R7 noticiou o assassinato de uma mulher trans e utilizou como fonte exclusiva as informações policiais como podemos ver no

trecho que diz “Ainda de acordo com a polícia, o homem, 30 anos, disse que matou Sabrina com uma pancada e uma facada no peito” (R7, 2022).

Em outra notícia publicada no dia 21 de abril de 2022 intitulada “Mulher trans é morta a facadas pelo companheiro em BH” destaca-se o seguinte trecho com presença de fonte policial:

O fato ocorreu por volta das 6h30, na rua Clarindo Ulisses dos Santos. O corpo da vítima foi periciado e levado para o IML (Instituto Médico Legal). Ainda de acordo com a polícia, o homem, 30 anos, disse que matou Sabrina com uma pancada e uma facada no peito. O relacionamento entre os dois durou dois anos e meio. Ele que já tem passagens pelo sistema prisional por roubo e tráfico fazia ameaças explícitas. A motivação do assassinato vai ser investigada pela Polícia Civil<sup>45</sup> (R7, 2022).

Notícia intitulada “Mulher trans morre após ser jogada de carro, agredida e atropelada em BH”, publicada no dia 18 de maio de 2022, também priorizou fonte policial em sua narrativa conforme trecho a seguir:

A perícia foi acionada e durante os trabalhos foi confirmado que a vítima era uma transexual. Os ferimentos comprovaram que ela não tinha marcas de tiros ou de golpes de faca, apenas hematomas e escoriações. O assassinato é investigado pela Polícia Civil. A suspeita é de que a motivação do crime seja um desacordo durante um programa sexual, mas outras hipóteses não estão descartadas, já que o autor do crime demonstrou uma raiva incomum, o que sugere algum tipo de relação anterior com a vítima<sup>46</sup> (R7, 2022).

Como destacado nos trechos das notícias coletadas no Portal R7, o uso frequente de fontes policiais foi recorrente nas notícias, algo distinto das notícias da Plataforma Universa que priorizou como fontes as pessoas trans.

No que se refere a identificação das notícias do Portal R7 por categoria, observa-se que 9 notícias foram enquadradas na categoria “notícias que reforçam estereótipos” e 20 notícias foram enquadradas na categoria “notícias que apresentam uma perspectiva de respeito aos direitos da população trans”.

Abaixo destacamos trechos de notícias que foram enquadradas na categoria “notícias que apresentam uma perspectiva dos direitos da população trans”. A notícia intitulada “Justiça condena ambulante que esfaqueou e jogou transexual de prédio no centro de SP” publicada no dia 24 de abril de 2022, embora factual e sintética, é uma notícia que denunciou

---

<sup>45</sup> Mulher trans é morta a facadas pelo companheiro em BH. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mulher-trans-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-em-bh-21042022>>. Acesso em: 25 set 2022.

<sup>46</sup> Mulher trans morre após ser jogada de carro, agredida e atropelada em BH. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mulher-trans-morre-apos-ser-jogada-de-carro-agredida-e-atropelada-em-bh-18052022>>. Acesso em: 15 set 2022.

o crime transfobia e portanto foi enquadrada na categoria “perspectiva de direitos da população trans” por apresentar um potencial para conscientização sobre crimes contra a população trans.

O vendedor ambulante Jefferson Pereira Santos, foi condenado a sete anos e seis meses de prisão na tarde desta segunda-feira (25), acusado de matar a jovem transexual Chiara Duarte Pereira e de jogá-la de um prédio, na Sé, no centro de São Paulo, em setembro de 2020. Ele foi julgado no Fórum Criminal da Barra Funda, zona oeste da capital. No dia do crime, a jovem, de 27 anos, foi morta a facadas durante uma discussão com o réu. Na sequência, ela foi jogada da varanda do prédio. A mãe da vítima diz que a motivação para o crime foi transfobia<sup>47</sup>.

Em notícia publicada no dia 10 de junho de 2022 intitulada “Mulheres trans podem, sim, amamentar: ‘Capazes de tudo’” destacamos o seguinte trecho: “Erika é uma mulher trans, ou seja, se adequou ao gênero com o qual se identifica, contrário ao do registrado na certidão de nascimento”. Este trecho deixa perceptível a postura respeitosa ao tentar esclarecer para a leitora e o leitor a transexualidade da pessoa a que a notícia se refere.

Outra notícia veiculada e enquadrada na mesma categoria foi publicada no dia 16 de junho de 2022, intitulada “Camila Montovani é considerada uma das modelos transgênero mais lindas do Brasil lançará sua biografia” destacou trajetória de carreira de sucesso de uma mulher trans.

“Ao longo da minha vida tive que passar por várias desafios, e tirar forças de onde eu não tinha. Minha biografia é para ajudar as pessoas e principalmente aos pais que precisam aprender a lidar com as opções escolhidas pelos seus filhos. Temos que acabar com preconceito, o preconceito mata. Eu me sinto obrigada a lutar pelas minorias. Sou a favor do amor, precisamos aprender a lidar com a diferença. Não podemos deixar que ódio, machismo e a religião acabem com vidas. Que é sagrada dada por Deus”, disse Camila que fechou parceria com o renomado escritor londrino James Stuart, que já escreveu mais de 45 livros de sucesso, como “Evangélio Segundo Lúcifer” e “Isto é Londres”<sup>48</sup>.

O trecho da notícia, como destacado, aponta a trajetória de sucesso de uma mulher trans que iria lançar sua biografia e esta visão focada no sucesso da carreira é considerado como algo positivo.

A veiculação de matérias que mostram a trajetória de sucesso de mulheres transexuais, como visto na notícia acima, ajuda a sensibilizar a sociedade e desconstruir estereótipos,

---

<sup>47</sup> Justiça condena ambulante que esfaqueou e jogou transexual de prédio no centro de SP. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/justica-condena-ambulante-que-esfaqueou-e-jogou-transexual-de-predio-no-centro-de-sp-25042022>>. Acesso em: 19 set 2022.

<sup>48</sup> Camila Montovani é considerada uma das modelos transgênero mais linda do Brasil lançará sua biografia. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Camila-Montovani-e-considerada-uma-das-modelos-transgenero-mais-linda-do-Brasil-lancara-sua-biografia>>. Acesso em: 19 set. 2023.

estimulando a igualdade de acesso, seja no mercado de trabalho ou em outros âmbitos da vida da pessoa transexual.

As narrativas midiáticas têm o poder de reforçar a exclusão ou inclusão de pessoas trans e através de matérias com representatividade positiva e que quebram o padrão das notícias trágicas comumente vistas quando se trata desta população, torna-se viável a criação de espaços que sensibilizam no que se refere às questões de gênero, diversidade e identidade que, conseqüentemente, dão suporte à criação de conteúdos mais respeitosos e representativos.

Já com relação as notícias enquadradas na categoria “notícias que reforçam estereótipos” destacamos alguns trechos para exemplificar. No dia 17 de junho de 2022<sup>49</sup>, o portal R7 publicou a notícia intitulada “Polícia investiga agressão a mulher trans em Leopoldina (MG)” que trouxe vídeo do fato sem contextualização do acontecimento e no corpo da notícia havia apenas o seguinte texto: “A Polícia Civil vai investigar a agressão a uma mulher trans na cidade de Leopoldina, a 322 km de Belo Horizonte. Vídeo flagrou o caso ocorrido na rodoviária da cidade”.

Em alguns casos houve no R7 uso de nomes e pronomes tratando as pessoas trans conforme o registro de nascimento o que não é adequado, pois reforça uma postura de preconceito.

Vejamos o trecho de uma notícia intitulada “Moradora de rua é presa por emprestar conta a sequestradores de ganhador da Mega-Sena” veiculada no dia 18 de setembro de 2022: “A “coniteira”, identificada como Samuel Messias e que é transexual, usando o nome social de Rebeca, também responderá pelo homicídio, segundo a Polícia de São Paulo, ainda que eventualmente não tivesse conhecimento do uso que seria dado a sua conta”.

O trecho acima reforça a não aceitação da pessoa trans ao desrespeitar o nome pelo qual ela deseja ser chamada, independente da retificação no registro de nascimento, remetendo o leitor à ideia de que a identidade de gênero e nome social da pessoa trans são um mero detalhe sem importância.

Em outra notícia intitulada “Mulher trans é acusada de planejar morte do melhor amigo e usar sua identidade”, veiculada no dia 1º de setembro de 2022<sup>50</sup>, onde é relatado o

---

<sup>49</sup> Polícia investiga agressão a mulher trans em Leopoldina (MG). Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/videos/policia-investiga-agressao-a-mulher-trans-em-leopoldina-mg-17062022>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

<sup>50</sup> Mulher trans é acusada de planejar morte do melhor amigo e usar sua identidade. Disponível em <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/mulher-trans-e-acusada-de-planejar-morte-do-melhor-amigo-e-usar-sua-identidade-01092022>>. Acesso em: 12 abr. 2023.

crime de assassinato cometido por uma mulher trans. O “amigo” assassinado do qual trata a notícia era uma mulher trans ainda em fase de transição, mas que já se identificava como uma mulher trans. A seguir destaca-se trecho da notícia:

“Uma mulher trans é acusada de planejar a morte do melhor amigo. Ele havia acabado de fazer uma transição de gênero e ela teria ficado com inveja porque achava que o amigo ficaria mais bonito após a mudança.” Como pode-se observar, a vítima foi tratada com pronomes masculinos no recorte acima, mas isso ocorreu em todo o conteúdo. A narrativa jornalística, nesse sentido, foi desrespeitosa com a identidade de gênero da pessoa assassinada.

Em notícias não relacionadas à violência, por vezes foi observado um linguajar com frases irônicas e com teor transfóbico. A seguir, o trecho de uma matéria intitulada “Mundo capota e homem concorre ao prêmio ‘Mulher do Ano’”<sup>51</sup>, publicada no R7 no dia 17 de julho de 2022: “Só resta uma única dúvida: por que mulher não pode mais ser chamada de mulher, mas mulher trans pode?”. A notícia destacou o fato sobre uma mulher trans que havia sido indicada ao prêmio de mulher do ano e claramente a narrativa demonstra transfobia ao legitimar o gênero da mulher por se tratar de uma transexual e referenciá-la nominalmente como homem. Novamente percebemos o discurso heteronormatizador colocando uma pessoa transexual às margens da sociedade a inferiorizá-la.

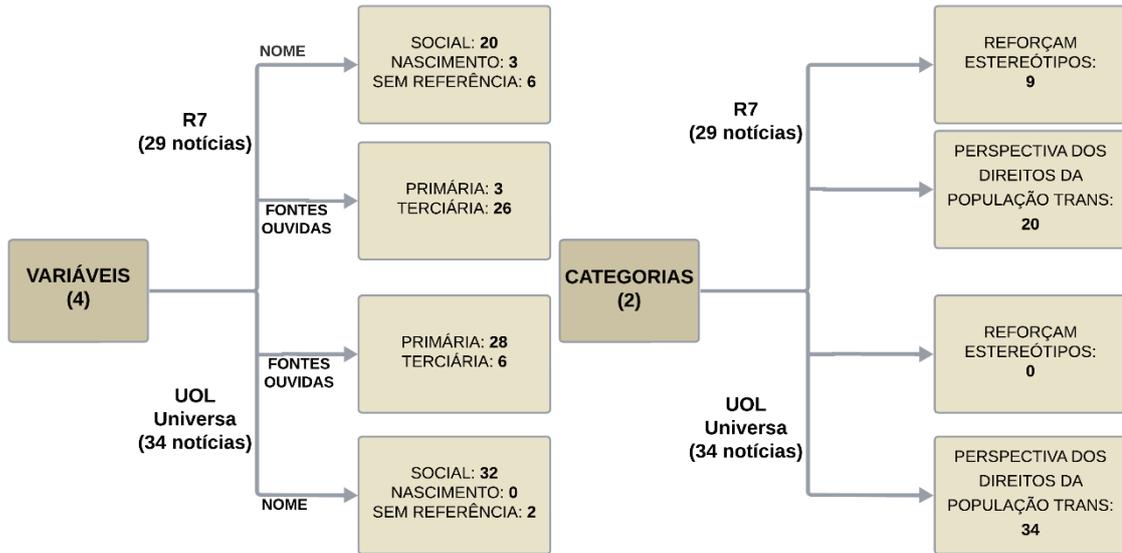
Quanto ao conteúdo das notícias coletadas no portal R7 sobre violência cometida contra as pessoas trans observou-se que a maioria se restringiu ao factual, priorizando narrativas mais sintéticas sem problematizar a questão. Como exemplo, destacamos notícia publicada no dia 10 de junho de 2022 envolvendo pessoas trans em crime onde foi divulgado o vídeo das agressões e o único texto da notícia foi “Homem incomodado com a presença de transexuais nas proximidades da casa dele partiu para a agressão. Ele jogou água e deu vários socos em uma das vítimas” (UOL, 10 jun. 2022).

Ao priorizar a construção de narrativas factuais e sintéticas, as notícias selecionadas do Portal R7 não avançaram na possibilidade de atuar na conscientização da população sobre as questões que envolvem a população trans. A seguir, destacamos algumas considerações sobre as duas coberturas (UOL Universa e R7) de forma comparativa.

---

<sup>51</sup> Mundo capota e homem concorre ao prêmio 'Mulher do Ano'. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/prisma/melhor-nao-ler/mundo-capota-e-homem-concorre-ao-premio-mulher-do-ano-16072022>> Acesso em: 15 mar. 2023.

### Árvore – Compilado das variáveis e das categorias.



**Fonte:** elaborado pelo autor.

A árvore de dados acima consiste em um compilado das variáveis "fontes ouvidas" e "nome" e as categorias "notícias que reforçam estereótipos" e "notícias que abordam uma perspectiva pelos direitos da população transexual". Como já mostrado anteriormente, R7 teve um total de 29 notícias e UOL Universa 34.

Das 29 notícias do R7, 20 usaram nome social, 3 o nome de nascimento e em 6 não houve referência aos nomes. Dos 34 notícias do UOL, 32 usaram nome social, nenhuma usou nome de nascimento e 2 não fizeram referência aos nomes.

Quanto às categorias, das 29 notícias do R7, constatamos que 9 reforçam estereótipos e 20 abordam uma perspectiva pelos direitos da população transexual. Quanto às 34 notícias do UOL, todas abordam uma perspectiva pelos direitos da população transexual.

A árvore de dados fornece informações sobre a utilização de nomes sociais em notícias e a abordagem de questões relacionadas às populações LGBT. Os resultados mostram que o uso de nomes sociais é comum em ambos os portais, e que a maioria das notícias aborda uma perspectiva pelos direitos da população transexual.

## **5.1 Aproximações e Distanciamentos da Cobertura Jornalística Sobre a População Trans nos Portais Universa e R7**

A população trans foi pautada nas notícias do Portal Universa e no Portal R7, que foram objeto da análise da presente dissertação. Contudo é importante destacar que aproximações e distanciamentos entre as duas coberturas jornalísticas foram observadas e serão destacadas a seguir.

Com relação as aproximações podemos destacar que o uso de fotografias foi amplamente utilizado como recurso da narrativa jornalística dos dois veículos, predominantemente no UOL, pois no portal R7 houveram 8 notícias que não utilizaram imagens nas narrativas jornalísticas. No Portal UOL Universa predominou o uso de imagens retiradas de arquivo pessoal, enquanto no R7 a predominância foi de fontes não informadas nas imagens utilizadas. Em ambos os portais, o uso de imagens de redes sociais ficou em segundo lugar, sendo 11 no UOL e 6 no R7.

O predomínio do uso de imagens de arquivo pessoal pelo UOL pode conferir o entendimento de uma abordagem mais pessoal e próxima das pessoas referenciadas nas notícias e, quanto ao R7, a predominância do uso de imagens com fonte não informada pode suscitar o questionamento da transparência e/ou veracidade da apresentação visual das informações.

Quanto ao uso secundário de imagens retiradas das redes sociais, sugere-se que, no tocante à representação das pessoas noticiadas, as redes têm um papel relevante e refletem a tentativa de uma busca mais atual e contextualizada do fato, desde que usadas de maneira ética, respeitosa e inclusiva.

Ainda com relação a proximidade das notícias dos dois veículos destaca-se a predominância de notícias factuais e sem aprofundamento.

No R7, a maioria restringiu-se ao fato noticiado, quase sempre trazendo notícias envolvendo crimes motivados por transfobia que resultaram em mortes e, por várias vezes, sem identificação das vítimas dos fatos. Isso denota a uma tendência sensacionalista e superficial, com foco na rápida propagação dos acontecimentos em vez de uma análise mais minuciosa e respeitosa das histórias e das pessoas envolvidas.

Para Tavares (2012), a questão da morte no jornalismo é abordada e, como parte do contexto da violência urbana, a morte se encontra num paradoxo dentro da rotina jornalística, em que é tratada como parte natural da vida, ao mesmo tempo em que é veiculada como um

fenômeno excepcional, sendo espetacularizada e normalizada no discurso através de uma constante apresentação e reprodução da violência nos meios de comunicação.

A referência acima demonstra o quão intrincada é a forma como a morte é tratada no jornalismo, evidenciando a dicotomia entre a sua normalização e a sua encenação como espetáculo.

Ainda segundo o autor, o jornalismo constrói diferentes formas de entender a morte, direcionando a atenção do receptor para categorizações e reconhecimentos que oscilam entre o previsível e o imprevisível e aqueles que são apresentados como acontecimentos agendados pela rotina jornalística, como eventos recorrentes. Portanto, é a partir dessa diferenciação que se classifica um evento como trágico, chocante e espetacular ou apenas como uma repetição banal (Tavares, 2012).

Este pensamento suscita importantes questionamentos sobre a função dos meios de comunicação na sociedade e o impacto da cobertura midiática na forma como a violência e a morte são percebidas e compreendidas, bem como levanta os questionamentos éticos na maneira como a mídia aborda a violência e a morte e sua influência na construção das narrativas sociais.

No material coletado é possível perceber que existe uma diferença no conteúdo das notícias do UOL Universa e do R7. Contudo, ainda não podemos afirmar que está diretamente relacionado à linha editorial dos portais, pois exigiria uma pesquisa com recorte temporal mais amplo e até mesmo a realização de entrevistas com jornalistas dos dois portais para tratar sobre o processo produtivo das notícias.

Enquanto no UOL Universa as notícias foram mais inclusivas e em alguns momentos problematizam a questão sobre vários aspectos, o R7 se limitou na maior parte das vezes a notícias sobre violência contra população transexual e poucas foram as notícias destacando trajetórias e/ou conquistas da população trans. Isso indica uma diferença na forma como os portais cobrem os assuntos, já que o UOL Universa adota uma abordagem mais ampla e favorável, ao passo que o R7 se concentra em notícias sensacionalistas e, por vezes, negativas sobre a comunidade transexual.

No conteúdo do portal UOL Universa, em sua totalidade, foi perceptível a presença de uma linguagem mais inclusiva ao abordar a questão do gênero, seguindo procedimentos e respeitosos às identidades das pessoas trans nas notícias ao evitar o sensacionalismo e imagem estereotipadas, enquanto no R7 essa postura não ficou perceptível ao noticiarem de forma puramente pontual e sintética.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das notícias que envolveram pessoas trans em portais tão distintos de notícias permitiu compreender em que medida o conteúdo viola ou não os direitos das pessoas às quais as notícias se referem e se amenizam ou fomentam a cultura da transfobia.

Com a realização da presente pesquisa, destaca-se a necessidade da promoção de um jornalismo mais consciente e que esteja mais atento às questões de gênero, especialmente no que tange à transexualidade, como forma de ampliar a representatividade dessa população na mídia e combater estereótipos e a desinformação da sociedade.

Há que se destacar também o quanto é crucial despertar a empatia e o respeito nas narrativas jornalísticas dos portais de notícias aqui abordados, em especial no R7, assim como a criação de espaços para que vozes de pessoas trans ecoem e assim elas próprias compartilhem suas vivências e histórias. A mídia reitera, com facilidade, os preconceitos e estigmas presentes na sociedade e, assim, é urgente necessidade da modificação de atitudes dessa natureza. Nas palavras de Carvalho (2012):

É da pequena convocação de atores sociais como fontes que complexificam a compreensão dos acontecimentos, ao trazer vozes que ressoam as tensões e disputas de sentido instauradas no social, somada ao silenciamento de personagens, se não total, às vezes de forma parcial, que emergem as condições constitutivas do que estamos sugerindo como “polifonia fraca” (Carvalho, 2012, p. 380).

Ao voltarmos o olhar para as notícias veiculadas no R7, percebemos a presença de narrativas que apresentaram visão estereotipada em relação às pessoas trans – em especial as mulheres – como cidadãos e cidadãs ligados(as) a cenários de criminalidade e marginalidade, reservando a elas o espaço da “violência”.

Assim, partindo desta lógica, pressupomos que pessoas trans e travestis noticiadas no portal têm espaço tão somente pela violência que atravessa suas existências, tendo elas notabilidade ao serem descritas pela morte ou pelas agressões e sendo destacadas a partir de seus corpos.

Partindo da análise dos conteúdos das notícias veiculadas no R7 em que o cenário de violência contra pessoas trans foi amplamente noticiado, apesar de factuais e por vezes sem identificação, a narrativa colocou as pessoas no local vítimas e não de algozes.

A violência física vivida por elas foi constantemente reproduzida no portal, e esse modelo midiático carrega evidentes sinais de enquadramentos e de estruturas discursivas organizadas em torno de corpos apresentados como suscetíveis à violência.

Quanto ao conteúdo do UOL Universa, não foram encontradas matérias noticiando crimes contra pessoas trans, sendo as mais recorrentes aquelas relacionadas a conquistas, relatos de vivências, profissão e política.

Para Carranca (2008), a imprensa tem em seu poder a oportunidade de colaborar para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária. Uma forma de contribuir para a formação desse modelo de sociedade é banir o uso de algumas palavras e conceitos que fomentam e reforçam a estereotipação.

Para Carvalho (2012), as notas, notícias e reportagens, consideradas como gêneros informativos, não possuem neutralidade em relação aos assuntos que tratam. Através de suas palavras, o/a jornalista tem a possibilidade de transmitir a ideia de uma sociedade mais igualitária, de quebrar tabus e fortalecer ou enfraquecer os conflitos sociais e o preconceito.

Deixar passar a chance de contribuir para conscientização da gravidade da homofobia para os/as consumidores/as da notícia não implica apenas em prejudicar a qualidade da informação, mas também em limitar as oportunidades de formação da opinião pública sobre os danos que a homofobia pode causar na sociedade.

Outra observação que chamou a atenção foi a presença de um padrão nas notícias do R7 sobre violência que, quando não estiveram presentes vídeos gravados pela própria população, as matérias traziam vídeos exibidos em programa da emissora de televisão do grupo, onde apresentadores/repórteres reconstruíram a cena do fato com suas próprias palavras.

Estes elementos presentes nas narrativas acabam por contribuir com a naturalização e perpetuação da identidade estereotipada de pessoas trans ligadas a uma imagem violenta e criminosa, o que resulta na marginalização dessa população. Todo esse contexto é uma forma de violência passível de ser infligida.

No conteúdo analisado do portal UOL Universa, podemos observar uma forma mais humanitária ao tratar as pessoas trans, especialmente ao dar espaço de fala para que elas mesmas relatassem o contexto da cena. Contudo, apesar de todo o fomento à perspectiva dos direitos humanos, por vezes restou aberta uma lacuna no que diz respeito ao contexto histórico dos fatos noticiados.

A matéria deve buscar a neutralidade, o que se consegue contextualizando. Disponibilizar para o público a informação dentro de uma perspectiva histórica ou ajuda a entender os acontecimentos. Normalmente, existe, por trás de um conflito um histórico de desentendimentos - com ambas as partes tendo opiniões visões e interpretações diferentes sobre os fatos do passado (Carranca, 2008, p. 315).

Podemos dizer então que, caso não sejam retratadas de uma forma mais problematizada, não há como proporcionar aos/às leitores/as a conjectura da realidade de pessoas transexuais pela exposição dos preconceitos sociais que as definem enquanto um grupo de gênero.

Ao entrevistar uma pessoa, o/a jornalista não deve supor que sua história começa e termina no gênero, deficiência, religião, idade, etc. Cabe ao/à jornalista o papel de levantar questões sobre a família, profissão e interesses, pois ao perguntar sobre essas questões, surge a possibilidade de diversos estereótipos serem derrubados (Carranca, 2008).

Embora tenham sido observados relatos de outras histórias em que pessoas transexuais foram incluídas em espaços não relacionados à violência, podemos perceber uma persistência em manter lugares muito específicos a elas determinados socialmente e reproduzidos nas notícias.

Reconhecemos que houve uma abertura para outras questões que não fossem relacionadas à marginalidade, como por exemplo nos relatos de histórias de sucesso em diversos âmbitos, porém em pequena escala e ainda insuficientes para a modificação dos olhares lançados sobre as realidades vividas pelas pessoas transexuais.

Com a análise do conteúdo dos portais, reitera-se mais uma vez a necessidade que a mídia assuma a responsabilidade social numa retratação do público trans de maneira respeitosa, inclusiva e que efetivamente o represente, pois só assim uma sociedade mais acolhedora se desenvolve, independente da identidade de gênero do/da indivíduo/indivíduoa.

A construção de uma cobertura balanceada é possível até mesmo nas notícias que narram a violência. As notícias devem aproveitar a narrativa para contextualizar os fatos e contribuir para a compreensão da realidade e dos desafios que a comunidade trans enfrenta e não manter o foco na perpetuação dos estereótipos já tão arraigados na cultura cisheteronormativa, sempre respeitando a privacidade e identidade das pessoas.

Os principais estereótipos perpetuados pela mídia observados nessa pesquisa, em especial no portal R7, incluíram o da ideia de violência e perigo, marginalização, incongruência de gênero, não-humanidade e, por vezes, sensacionalismo e preconceito relacionados às identidades transexuais.

Buscamos com o presente estudo despertar breves observações acerca do conteúdo jornalístico dos dois portais, em especial no que tange à inclusão da pauta da transexualidade nas matérias sob um olhar mais humanitário e contextualizado.

Por fim, deixamos aqui a reflexão de que o/a jornalista, não apenas como profissional, mas também como cidadã/cidadão, deve mostrar-se aberto/a à diversidade, adotando uma

postura ética e respeitosa ao tratar de questões já tão subjugadas aos estigmas sociais, como é o caso da transexualidade.

## REFERÊNCIAS

- AAKER, D. A.; KUMAR, V.; DAY, G. S. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 2004.
- ANGRIMANI Sobrinho, Danilo. **Espreme que sai sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995. (Coleção Novas Buscas em Comunicação; v. 47).
- ARAÚJO NETO, Jefferson Garrido. **A Utilização das Mídias Digitais na Sociedade Midiatizada**. 2009.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, L. M. **Recepção, mediação e midiaticização**: conexão entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Midiaticização*. 1ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012. p. 79-103.
- BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. In: *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes, 2010. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes, 2010.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. RIO DE JANEIRO: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). **DOSSIÊ: assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2019.
- BENEVIDES, Bruna G; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). **Dossiê assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?**. São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense, 2017. *E-book*.
- BETTCHER, T. M. **Evil deceivers and make-believers**: on transphobic violence and the politics of illusion. In: AIZURA, A. Z.; STRYKER, S. (org.). *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2013. p. 278-290. v. 2.
- BOURDIEU, Pierre. **La misère du monde**. Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**; tradução Maria Helena Kuhner. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BROWN, A. What is so special about online (as compared to offline) hate speech?. **Ethnicities**, v. 18, n. 3, p. 297-326, 2018.
- BRUGGER, Winfried. **Proibição ou proteção do discurso do ódio?**: algumas observações sobre o direito alemão e o americano. *Direito Público*, Porto Alegre, ano 4, n.15, p.117-136, jan./mar. 2007.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAEIRO, Rui Miguel Pereira. **Transexualidade(s) e travestilidade(s) no jornalismo**: uma análise discursiva das notícias produzidas em Pernambuco pelo Aqui PE e Jornal do Commercio. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFPE, Recife, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17750>>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CARRANCA, Adriana. **Dar voz à diversidade**. In: CANELA, Guilherme. (Org). Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R.B. **Tá lá o corpo estendido no chão**: a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v16n2/v16n2a06.pdf>> Acesso em: 5 de abril de 2023.

CARVALHO, Carlos Alberto de. **Jornalismo, homofobia e relações de gênero**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2012.

CARVALHO, C. A.; ABOUID, P. O. **Imaginários e LGBTQIAP+fobia em textualidades midiáticas**: Kit gay e Ideologia de gênero durante o período eleitoral no Canal das Bee. In: ALCEU: Revista de Comunicação, Cultura e Política, Rio de Janeiro, V. 22, Nº 48, p.195-215, set./dez. 2022. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/index.php/alceu/article/view/261>>. Acesso em 14 de abril de 2023.

CASTRO, Roney Polato de. **ROMPER BINÁRIOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE: ENSAIAR UMA EDUCAÇÃO NÃO-BINÁRIA**. In: MARGENS: Revista Interdisciplinar. 2019.

CAZELATTO, Eduardo Costa; CARDIN, Valéria Silva Galdino. **Do Discurso de Ódio Homotransfóbico e o Direito à Vida dos Transgêneros**. In: ZAKAREWICZ, Adriana (Org.). TRANSGÊNEROS. Brasília: Zakarewicz, 2019. p. 563 – 582

CHAGAS, Emmily; NASCIMENTO, Thayana. **(IN)VISIBILIDADE TRANS**: uma breve discussão acerca da transfobia na vida de travestis e transexuais. In: Jornada Internacional Políticas Públicas, VIII. Maranhão, UFMA, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Transexualidade não é transtorno mental, oficializa a OMS**. Brasília, 22 mai. 2019. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/transexualidade-nao-e-transtorno-mental-oficializa-oms/>. Acesso em: 28 out 2021.

CORBO, Wallace. **Discriminação Indireta: conceito, fundamentos e uma proposta de enfrentamento à luz da Constituição de 1988**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2017.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da comunicação de Alfred Schutz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

DA SILVA, Tomaz. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

- FIRMINO, Flávio Henrique; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler**: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. *Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ.*, Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. ISSN: 1413-2060. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/10819/7005>>. Acesso em: 9 de abril de 2023.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FREIRE FILHO, J. (2004). **Mídia, estereótipos e representação das minorias**. In: Revista ECOPOS, vol. 7, n. 2, agosto-dezembro, 45-71.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HALL, S. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Humanistas. UFMG, 2013.
- JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2. ed. Brasília: [s.n.], 2012.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Secad/MEC, 2009.
- KRAWCZAK, Kaonne Wolf; SANTOS, Juliana Oliveira. **Mais amor, por favor**: o discurso de ódio nas redes sociais a consequente violência contra transexuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO E CONTEMPORANEIDADE: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE, 4., Santa Maria, 2017. p. 1-15. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/1-1.pdf>. Acesso em: 25 out 2021.
- KRIPPENDORF, K. **Content Analysis, An Introduction to Its Methodology**. 3a Ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2012.
- LANZ, Leticia. **O CORPO DA ROUPA**: A pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Curitiba, 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 23 de outubro de 2021.
- LEAL, Bruno Souza. **Vulnerabilidades**: Abordagens iniciais de um desafio à pesquisa. In: Miranda et. al. (Orgs). **VULNERABILIDADES, NARRATIVAS E IDENTIDADES**. [ONLINE]. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. Disponível em: <<https://seloppgcomufmg.com.br/publicacao/vulnerabilidades-narrativas-identidades/>>. Acesso em: 02 de março de 2023.
- LEITE, Juliana. Transfobia no Airbnb: ativista trans denuncia na internet. 28 de jul. 2022. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/nos/transfobia-no-airbnb-ativistatrans-denuncia->

na-internet,ae216eb54040aa0ea511d5dd19b14a03vqm7hasq.html> Acesso em: 4 de agosto de 2022.

LIMA, Janaína de. **Violações de direitos humanos pela mídia: uma análise sobre a transfobia nos portais de notícias online do RN e sua representação social.** Natal, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia,** São Paulo: Ática, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. 1 v.

MEDEIROS, B. N.; CASTRO, G. H. C.; SIQUEIRA, M. V. S. Transgêneros, Transexuais, Travestis e trabalho: um diálogo possível no campo da Administração?. In: Eneo, Fortaleza, 2019.

MEYER-PFLUG, S. R. **Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009.

MORATO, R. S. **Os sentidos dos discursos sobre gênero e sexualidade no Facebook: a desigualdade social “curtida” e “compartilhada”.** 148 f. Dissertação de Mestrado (Direitos Humanos), Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

MORENO, Jamile Coelho. **Conceito de minorias e discriminação.** In: Revista Direito e Humanidades, São Caetano do Sul, n.17, 2009.

MOTT, Luiz. Grupo Gay da Bahia. In: **Assassinatos de homossexuais (LGBT) no Brasil: relatório 2014.** Bahia, 2014.

NASCIMENTO et al. **Os aspectos psicossociais do atendimento de mulheres, LGBT+ e crianças na Defensoria Pública - Núcleo Criminal do Município de Rondonópolis.** In: IRINEU et. al. **Diversidade sexual, étnico-racial e de gênero: temas emergentes.** Editora Devires. Salvador-BA. 1ª edição, 2020.

OLIVEIRA, Alexandre Miceli Alcântara de. **Direito de autodeterminação sexual: dignidade, liberdade, felicidade e tolerância.** São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2003.

PAIXÃO, Patrícia. **A casa-grande discursivizando a senzala: A mídia impressa brasileira e o discurso sobre os líderes progressistas latino-americanos.** Tese de doutorado. UFPE: PPGCOM, 2016.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. **Ódio e intolerância nas redes sociais digitais**. In: Revista Katálysis, Dez 2020, Volume 23 Nº 3 Páginas 419 - 428.

RIBEIRO, T. A.; FRANÇA, F. F. **Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação**. In: Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas, UEL/PR, 2014. Disponível em:  
<[http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6\\_Tamires%20Almeida%20Ribeiro.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6_Tamires%20Almeida%20Ribeiro.pdf)>  
Acesso em: 30 de outubro de 2021.

RIOS, R. R. (org). **Em defesa dos Direitos Sexuais** Porto Alegre, Livraria do Advogado, 2007. 195p.

SAFFIOTI, H.I.B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: COSTA, A.O. ; BRUSCHINI, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, Ana Carolina Ferreira. **TRANSGENERIDADE: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE DO EU E DO ESTIGMA NAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS RECENTES**. In: Revista Ártemis, Vol. XXIV nº 1; jul-dez, 2017. p. 132-142.

SILVA, Rosane Leal da, et al. **Discurso do ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. Rev. direito GV, São Paulo, v.7, n. 2, p. 445-467, jul./dez. 2011.

SOUZA, D. E.; COSTA, B. L.; RODRIGUES, E. M. **A INSERÇÃO DE PESSOAS TRANSEXUAIS E TRAVESTIS NO MERCADO DE TRABALHO**. 2016. Disponível em: [http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16\\_029.pdf](http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_029.pdf). Acesso em: 30 out 2021.

TAVARES, Frederico. A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico diário. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (org.). **Jornalismo e acontecimento: diante da morte**. Florianópolis: Insular, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VEIGA JUNIOR, Hélio. **O DIREITO DE PERTENCER A SI MESMO: A DESPATOLOGIZAÇÃO DO TRANSEXUALISMO E SUA REGULAMENTAÇÃO JURÍDICA COMO UM DIREITO FUNDAMENTAL AO GÊNERO**. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista. Franca, [s.n] 2016.

VERGUEIRO, VIVIANE. **PENSANDO A CISGENERIDADE COMO CRÍTICA DECOLONIAL**. IN: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., AND MOUTINHO, L., ORGS. ENLAÇANDO SEXUALIDADES: UMA TESSITURA INTERDISCIPLINAR NO REINO DAS SEXUALIDADES E DAS RELAÇÕES DE GÊNERO [ONLINE]. SALVADOR: EDUFBA, 2016, PP. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9. [HTTPS://DOI.ORG/10.7476/9788523218669.0014](https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

## LINKS DAS NOTÍCIAS

R7. Primeira princesa trans do Carnaval de São Paulo é morta a facadas. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/primeira-princesa-trans-do-carnaval-de-sao-paulo-e-morta-a-facadas-04032022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Ariana Grande faz doação de UR\$ 1,5 milhão para combater legislação antitransgênero. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Ariana-Grande-faz-doacao-de-UR-15-milhao-para-combater-legislacao-antitransgenero>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Mulher trans é morta a tiros ao sair para fazer programa na Serra. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/mulher-trans-e-morta-a-tiros-ao-sair-para-fazer-programa-na-serra-04042022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. STJ permite aplicação da Lei Maria da Penha para mulheres trans. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/stj-permite-aplicacao-da-lei-maria-da-penha-para-mulheres-trans>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. EX-REALITY, HOMEM TRANS POSA PARA FOTOS GRÁVIDO: "PAPAI ESTÁ ANSIOSO". <[HTTPS://NOTICIAS.R7.COM/CIDADES/FOLHA-VITORIA/EX-REALITY-HOMEM-TRANS-POSA-PARA-FOTOS-GRAVIDO-PAPAI-ESTA-ANSIOSO-08042022](https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/ex-reality-homem-trans-posa-para-fotos-gravido-papai-esta-ansioso-08042022)>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Mulher trans é morta a facadas pelo companheiro em BH. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/mulher-trans-e-morta-a-facadas-pelo-companheiro-em-bh-21042022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Justiça condena ambulante que esfaqueou e jogou transexual de prédio no centro de SP. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/justica-condena-ambulante-que-esfaqueou-e-jogou-transexual-de-predio-no-centro-de-sp-25042022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Um ano e meio após crime, acontece julgamento de suspeito matar transexual. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/recordtv-interior-sp/cidade-alerta/um-ano-e-meio-apos-crime-acontece-julgamento-de-suspeito-matar-transexual-05052022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Mulher trans morre após ser jogada de carro, agredida e atropelada em BH. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/balanco-geral-mg/videos/mulher-trans-morre-apos-ser-agredida-e-atropelada-em-bh-18052022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Homem joga água e ataca mulher trans com vários socos em SP. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/homem-joga-agua-e-ataca-mulher-trans-com-varios-socos-em-sp-10062022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Camila Montovani é considerada uma das modelos transgênero mais linda do Brasil lançará sua biografia. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Camila-Montovani-e-considerada-uma-das-modelos-transgenero-mais-linda-do-Brasil-lancara-sua-biografia>>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Polícia investiga agressão a mulher trans em Leopoldina (MG). Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/videos/policia-investiga-agressao-a-mulher-trans-em-leopoldina-mg-17062022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Análise: documentário polêmico revela uso da causa trans para lucrar alto. Disponível em: <<https://lifestyle.r7.com/patricia-lages/analise-documentario-polemico-revela-uso-da-causa-trans-para-lucrar-alto-18062022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Mulher transexual é encontrada morta em São Sebastião, no DF. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/balanco-geral-df/videos/mulher-transexual-e-encontrada-morta-em-sao-sebastiao-no-df-23062022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

R7. Mundo capota e homem concorre ao prêmio 'Mulher do Ano'. Disponível em: <<https://entretenimento.r7.com/prisma/melhor-nao-ler/mundo-capota-e-homem-concorre-ao-premio-mulher-do-ano-16072022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

- R7. Homem é preso suspeito de matar mulher trans a facadas em Ceilândia. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/brasil/cidade-alerta-df/videos/homem-e-preso-suspeito-de-matar-mulher-trans-a-facadas-em-ceilandia-02082022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Vereadora trans sequestrada no ES é encontrada em cativo e dois suspeitos são presos. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/folha-vitoria/vereadora-trans-sequestrada-no-es-e-encontrada-em-cativeiro-e-dois-suspeitos-sao-presos-23082022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Mulher trans é acusada de planejar morte do melhor amigo e usar sua identidade. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/balanco-geral-manha/videos/mulher-trans-e-acusada-de-planejar-morte-do-melhor-amigo-e-usar-sua-identidade-01092022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Conheça Ines Rau, modelo trans apontada como namorada de Mbappé. Disponível em: <<https://esportes.r7.com/fora-de-jogo/fotos/conheca-ines-rau-modelo-trans-apontada-como-namorada-de-mbappe-01092022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Moradora de rua é presa por emprestar conta a sequestradores de ganhador da Mega-Sena. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/moradora-de-rua-e-presa-por-emprestar-conta-a-sequestradores-de-ganhador-da-mega-sena-18092022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Valentina Mathias Miss T World participa da escolha da mais bela trans da França. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/lorena/valentina-mathias-miss-t-world-participa-da-escolha-da-mais-bela-trans-da-franca-31102022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Podcast *Arquivo Vivo*: Trans mata amigo e assume a identidade dele | Ep. 62. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/podcast-arquivo-vivo/videos/podcast-arquivo-vivo-trans-mata-amigo-e-assume-a-identidade-dele-ep-62-04112022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Grammy Latino: Liniker vence premiação e faz história. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Grammy-Latino-Liniker-vence-premiacao-e-faz-historia>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Boca Rosa vive affair com modelo trans Sam Porto. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Boca-Rosa-vive-affair-com-modelo-trans-Sam-Porto>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Grupo de homens espanca mulher trans em condomínio de BH. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/grupo-de-homens-espanca-mulher-trans-em-condominio-de-bh-27122022>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. TJMG define que o deputado Nikolas Ferreira responderá por injúria racial. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/minas-gerais/tjmg-define-que-o-deputado-nikolas-ferreira-respondera-por-injuria-racial-08022023>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. Especialista fala sobre gravidez de homens transgêneros. Disponível em: <<https://lorena.r7.com/post/Especialista-fala-sobre-gravidez-de-homens-transgeneros>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- R7. MP denuncia por feminicídio homem que matou transexual a facadas em Porto Ferreira. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/recordtv-interior-sp/cidade-alerta/mp-denuncia-por-femicidio-homem-que-matou-transexual-a-facadas-em-porto-ferreira-23022023>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- UOL Universa. 'Estamos vivos': nas redes, pessoas trans geram corrente por saúde mental. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/19/estamos-vivos-homens-trans-se-mobilizam-por-visibilidade-e-saude-mental.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- UOL Universa. Quem é Laverne Cox, atriz trans que comandará o tapete vermelho do Oscar. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/03/27/quem-e>>

[laverne-cox-atriz-trans-que-comanda-o-tapete-vermelho-do-oscar.htm?cmpid=copiaecola](https://www.uol.com.br/universa/columas/debora-miranda/2022/04/10/estados-americanos-tentam-vetar-criancas-trans-em-esportes-femininos.htm?cmpid=copiaecola)>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Estados americanos tentam vetar crianças trans em esportes femininos. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/columas/debora-miranda/2022/04/10/estados-americanos-tentam-vetar-criancas-trans-em-esportes-femininos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Eleições: Brasil pode ter 1ª trans no Congresso; por que isso é importante?. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/04/12/e-2022-brasil-pode-eleger-1-deputada-trans-por-que-isso-e-importante.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Influencer trans de beleza com 1 milhão de seguidores: 'Me sinto acolhida'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/05/conheca-gabriela-adie-influencer-trans-com-milhoes-de-seguidores-no-tiktok.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Influencer 'Me senti humana': empresa ajuda funcionários trans a mudarem nome. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/19/me-senti-humana-funcionarios-trans-mudam-seus-nomes-com-ajuda-de-empresa.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Quem é Gisberta, brasileira ícone LGBT em Portugal que dará nome à rua. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/21/gisberta-a-brasileira-trans-que-e-referencia-da-luta-lgbtqia-em-portugal.htm?cmpid=copiaecola>>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Sou uma mulher trans, tenho que me alistar?' Entenda a lei. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/25/sou-uma-mulher-trans-tenho-que-me-alistar-sim-entenda-a-lei.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Casal trans engravida, tem filha e elogia o SUS: 'Profissionais treinados. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/05/28/casal-trans-engravida-tem-filha-e-elogia-o-sus-profissionais-treinados.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Casal Marcas de moda ampliam inclusão de pessoas trans no mercado de trabalho. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/01/marcas-de-moda-projetos-de-inclusao-de-pessoas-trans-no-mercado-de-trabalho.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Mulheres trans podem, sim, amamentar: 'Capazes de tudo'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/10/mulheres-trans-podem-sim-amamentar-capazes-de-tudo.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Ataques me dão mais força', diz vereadora trans ameaçada de morte no RJ. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/25/ameacas-meu-dao-mais-forca-diz-vereadora-trans-ameacada-de-morte-no-rj.htm?cmpid=copiaecola>>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Criei calcinhas para trans ao ver mulher morrer por não ir ao banheiro'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/30/ela-vende-calcinhas-para-mulheres-trans-e-quer-distribuir-pecas-no-sus.htm?cmpid=copiaecola>>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Rejeitada pelo pai, Janaína, mulher trans, o perdoou: 'Só queria seu amor'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/06/30/rejeitada-pelo-pai-janaina-mulher-trans-o-perdoou-so-queria-seu-amor.htm?cmpid=copiaecola>>.

Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Perdi meu filho para a depressão e hoje acolho trans e suas famílias'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/06/perdi-meu-filho-para-a-depressao-e-hoje-acolho-trans-e-suas-familias.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Libera meu xixi': campanha quer que STF julgue uso de banheiros por trans. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/09/libera-meu-xixi-stf-trava-ha-7-anos-acao-sobre-trans-em-banheiros.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Ele passou por transição de gênero no islã: 'Floresci quando tirei o lenço'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/13/homem-trans-fala-sobre-transicao-no-islã-floresci-quando-tirei-o-lenco.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Atriz trans de filme de Billy Porter: 'Não sou corajosa, sou apenas eu'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/19/temos-que-parar-o-debate-somos-mulheres-reais-diz-atriz-trans-eva-reign.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Após anos excluído do futebol, ele voltou a jogar em time de pessoas trans. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/20/time-de-futebol-trans-meninos-bons-de-bola.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. O que é transexual? Existe alguma diferença para travesti?. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/08/04/o-que-e-transexual-existe-alguma-diferenca-para-travesti.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Modelo trans denuncia agressão e abuso sexual de motorista de aplicativo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/08/17/modelo-trans-denuncia-abuso-sexual-e-agressoes-fisicas.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Mulher trans tem matrícula negada em academia para mulheres: 'Desrespeito'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/06/mulher-trans-tem-matricula-negada-em-academia-para-mulheres-desrespeito.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Erika Hilton e Duda Salabert no Congresso: o que querem as deputadas trans. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/06/erika-hilton-e-duda-salabert-no-congresso-nossos-projetos-nao-sao-votados.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Ela não vai para Copa por medo de transfobia: 'Não arriscaria a minha vida'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/23/ela-nao-vai-para-copa-por-medo-de-transfobia-nao-arriscaria-minha-vida.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Não dá para esperar bom senso dos colegas': lições da 1ª executiva trans. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/24/as-pessoas-se-modelam-pelos-lideres-diz-1-ceo-trans-sobre-preconceito.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Por que entidades LGBTQIA+ querem barrar o novo RG: 'É uma humilhação'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/27/novo-rg-por-que-entidades-lgbt-querem-acabar-com-documento.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Como homens trans podem evitar gravidez? Prós e contras de cada método'. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/28/como-homens->

[trans-podem-evitar-gravidez-pros-e-contras-de-cada-metodo.htm?cmpid=copiaecola](#)>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Não sei explicar, estou diferente': como é a menopausa para homens trans. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/01/nao-sei-explicar-estou-diferente-como-e-a-menopausa-para-homens-trans.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Sou trans e policial; ao retificar gênero, fui recebida com abraços na PM'. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/17/ela-retificou-o-genero-na-policia-militar-recebi-muito-acolhimento.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'É crime ser gay no Qatar? Pode levar à prisão? Entenda lei do país da Copa. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/11/18/posso-ser-presos-por-ser-gay-no-qatar-entenda-legislacao-do-pais-da-copa.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Vivo com HIV há quase 13 anos. Resultado positivo não é o fim. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/12/01/vivo-com-hiv-ha-quase-13-anos-resultado-positivo-nao-e-o-fim.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. 'Fugimos de algo muito cruel': as famílias que buscam vida melhor para filhos trans em outros Estados dos EUA. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/bbc/2023/01/11/fugimos-de-algo-muito-cruel-as-familias-que-buscam-vida-melhor-para-filhos-trans-em-outros-estados-dos-eua.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

UOL Universa. Irã de Fred, do BBB 23, é uma pessoa trans não binária; entenda o termo. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2023/01/26/bbb-23-irmao-fred-pessoa-trans-nao-binaria-entenda.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 mar. 2023.